

UNIVERSIDADE FEDERA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**As condições de emergência de uma identidade feminista em
Porto Alegre: estudo do grupo Costela de Adão (1976-1980)**

Isabela Lisboa Berté

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Simone Rodeghero

Porto Alegre, 06 de dezembro de 2012

UNIVERSIDADE FEDERA DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**As condições de emergência de uma identidade feminista em Porto
Alegre: estudo do grupo Costela de Adão (1976-1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito da obtenção do diploma de
graduação, sob orientação da prof.^a Carla
Simone Rodeghero

Isabela Lisboa Berté

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Simone Rodeghero

Porto Alegre, 06 de dezembro de 2012

RESUMO

O trabalho aborda a trajetória do grupo feminista Costela de Adão, pensando-o como parte de um contexto mais amplo, representativo dos movimentos de contestação cultural em nível internacional e do processo de adaptação do feminismo no Brasil. Pensando teoricamente a relação entre a organização e sua inserção nesse contexto, optamos por partir do discurso do grupo e pensar como ele se coloca no cenário político – com que sujeitos dialoga ou se contrapõe e que temas são colocados a sua disposição. Nessa perspectiva, o contexto não é aplicado unilateralmente sobre o grupo, de forma que os sujeitos atuam e interferem na sociedade na qual estão inseridos.

Palavras chaves: Costela de Adão, contestação cultural, ditadura militar, movimento feminista.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 - Condições de emergência do discurso do grupo Costela de Adão	11
1.1 Apresentação da dinâmica e do projeto político do grupo.....	13
1.2 A influência do feminismo internacional e dos movimentos de contestação cultural	19
1.3 A dissolução do Grupo de Mulheres de Porto Alegre: uma abordagem histórica do feminismo no Brasil	23
CAPÍTULO 2 - A formação de uma identidade feminista no interior do grupo Costela de Adão	29
2.1 Condições sociais de emergência do Costela de Adão.....	31
2.2 O grupo Costela de Adão e a relações com outros movimentos sociais.....	35
2.3 O grupo Costela de Adão e a relação com o “ideal” da mulher na sociedade....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	51

Introdução

O presente trabalho pretende analisar a trajetória do grupo feminista Costela de Adão, inserindo-o em um contexto mais amplo de ebulição política na década de 1970. O movimento feminista é pensado como parte dos movimentos identitários tal como o dos negros, homossexuais e índios, que emergem em um contexto marcado pela lenta distensão do regime militar brasileiro. Segundo Manini, esses movimentos sociais de minorias despontaram no cenário brasileiro apontando uma nova forma de fazer política ao propor a politização do cotidiano. Os mesmos abriram o debate em torno de sujeitos políticos excluídos historicamente e trouxeram para a arena política temas até então restritos a esfera privada.¹

O grupo Costela de Adão (CA) surge no interior do Grupo de Mulheres de Porto Alegre (GMPA) - formado por mulheres oriundas do meio universitário, que de alguma forma já se conheciam e queriam discutir a questão da opressão feminina. Segundo material produzido no ano 1980, que conta a história do grupo, o que parecia importante naquele momento era "[...] reunir-se com mulheres, sentir uma problemática que era comum, trocar experiências, discutir sobre a nossa situação concreta"². Esse objetivo um pouco vago diz respeito ao protagonismo do movimento feminista na capital gaúcha, que se apresentava como um novo mundo ainda não explorado. Conforme o texto já citado, elas não tinham uma experiência com a qual se espelhar, não sabiam ao certo o que um grupo de mulheres poderia fazer em Porto Alegre.³

As atividades nos primeiros anos de sua criação focaram-se em conhecer e discutir essa temática, através de leituras e debates em torno de obras que tratavam da situação da mulher na sociedade. Materiais com artigos da imprensa, filmes, livros, além de fatos que chamavam a atenção eram trazidos para discussão em reuniões semanais nas casas das participantes do grupo. Dentre outras atividades, as participantes procuravam manter contato com grupos de mulheres que se destacavam no cenário brasileiro: como o Centro da

¹ MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*, n. 3/4, Campinas: IFCH/Unicamp, 1995/1996.

² ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p.3 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

³ Idem

Mulher Brasileira, o jornal *Nós Mulheres* e o jornal *Lampião* - este voltado ao movimento homossexual - além de participarem de eventos que ocorriam em nível nacional.

No ano de 1979, com o aumento de participantes, ocorreram divergências teóricas e práticas em relação à concepção política do grupo, o que levou à dissolução do GMPA e à expansão do movimento feminista em Porto Alegre, com a formação de novas organizações feministas. Com essa divisão, nasce o Costela de Adão. Com um caráter mais reflexivo, o grupo manteve debates abertos onde eram discutidas temáticas referentes à sexualidade e questionados os rígidos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres.⁴

O trabalho pretende fazer uma análise de discurso dos materiais produzidos pelo grupo, visando **compreender as condições de emergência de uma identidade feminista na organização Costela de Adão**. O estudo centra-se nos anos de 1976 e 1980, parte da criação do GMPA até o último material produzido pelo grupo, momento que as participantes deixaram de se reunir. Essa datação se justifica pela concepção de continuidade entre o projeto político do GMPA e do Costela de Adão, esse segundo grupo conta sua história como parte do primeiro, além de assinar seus materiais com no nome: "Grupo de Mulheres de Porto Alegre: Costela de Adão".⁵

A pesquisa se propõe a responder os seguintes problemas:

- Como aparecem no discurso do grupo Costela de Adão as influências do feminismo internacional e dos movimentos de contestação cultural da década de 1960?
- Quais condições sociais influenciaram a construção de uma identidade feminista no grupo estudado?
- Como as integrantes da organização dialogavam com outras correntes políticas da época: como marxismo, outros projetos feministas, movimentos femininos, etc.?

⁴ A dissolução do GMPA em novos grupos feministas vai encontrar um lugar importante nesse trabalho, em especial a relação entre o projeto político de dois destes grupos: Costela de Adão e Movimento de Mulheres pela Libertação. A análise da dissolução do GMPA e dos diferentes focos tomados pelos grupos acima é relevante para compreender o feminismo no contexto nacional. Essa temática é desenvolvida no item 1.3 deste trabalho: "*A dissolução do Grupo de Mulheres de Porto Alegre: uma abordagem histórica do feminismo no Brasil*".

⁵ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p. 39 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

- O grupo se propõe a representar, em seu projeto político, os diferentes interesses e formas de opressão da mulher?

As fontes para realização deste trabalho são materiais escritos pelos grupos: Grupo de Mulheres de Porto Alegre (GMPA), Costela de Adão e Movimento Mulheres Pela Libertação (MML).⁶ Também serão relevantes reportagens de jornais que fazem referência aos grupos feministas, dando visibilidade à comunidade com a qual o grupo Costela de Adão estava dialogando no período de sua atuação. Estes materiais estão localizados no Acervo Carmem da Silva, no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contamos igualmente com o recurso da história oral através da realização de uma entrevista com Clarisse Castilhos, integrante e fundadora do grupo.

Optamos por centrar nosso trabalho em uma única organização de mulheres. No entanto, esse estudo está inserido em um campo mais amplo, que aborda o feminismo no Brasil como um experiência plural e polissêmica, que se adapta às possibilidades sociais e culturais da década de 1970 e 1980 no Brasil.⁷ A escolha em torno do Costela de Adão responde a uma certa invisibilidade de grupos de reflexão na bibliografia sobre o feminismo – a mesma está voltada à adaptação dessa corrente política ao contexto ditatorial brasileiro, com enfoque nos grupos de mulheres que centraram sua luta na oposição ao regime político.

A pesquisa da historiadora Joana Pedro pode nos ajudar a compreender as diferentes abordagens da bibliografia acerca do feminismo. Em seu artigo: “*Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)*” a autora demonstra as relações de poder e conflito entre grupos feministas e personagens envolvidos na luta contra ditadura, através da análise de diferentes narrativas acerca das origens do feminismo no Brasil. Pedro desenvolve no decorrer do texto a existência de duas formas diferentes de abordar o surgimento do feminismo. Uma primeira, muito difundida na bibliografia, está centrada no Ano Internacional da Mulher, em 1975, e nos consequentes eventos e grupos de mulheres que passam a surgir a partir dessa data. Apesar da influência do feminismo internacional,

⁶ O MML nasceu juntamente com o Costela de Adão, a partir do desmembramento do GMPA.

⁷ SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória. In *Revista Estudos Feministas*; Florianópolis; Maio-Agosto/2004.

esses grupos estariam mais preocupados em articular a luta contra ditadura militar, em associação com demais setores da sociedade. Uma segunda narrativa aponta para o surgimento de ideias feministas como anterior à data citada acima. Desde o princípio da década de setenta já teriam se formado grupos de reflexão, inspirados no feminismo dos Estados Unidos, onde o relato de experiências individuais era a base para a discussão da opressão sofrida pela mulher na sociedade.⁸

Segundo Pedro, essas narrativas demonstram relações de poder que se desenvolveram entre diferentes projetos políticos, explicitando disputas em torno de questões como: lutas gerais e específicas e as verdadeiras feministas e as não feministas.⁹ A bibliografia à qual tive acesso discute o surgimento do feminismo através da primeira narrativa, muitas vezes, sem discutir a existência de grupos anteriores à metade de década de 1970. A invisibilidade destes movimentos na bibliografia – algumas vezes recebendo uma pequena referência - diz respeito ao foco em torno dos movimentos que lutaram contra a ditadura militar, ou então em relação à adaptação do feminismo nesse contexto ditatorial. Outro fator explicativo diz respeito ao caráter mais privado que os grupos de reflexão apresentavam, com número pequeno de integrantes e sem a necessidade de produção de materiais escritos por parte do grupo.

O método de análise textual deste estudo bebe da concepção de "contextualismo linguístico" de Quentin Skinner, este pesquisador desenvolveu uma teoria que articula as motivações de um autor no momento da escrita - sua intenção e projeto político - com o conjunto de convenções linguísticas disponíveis em um contexto histórico, ou seja, convenções sociais que definem os limites do que se pode pensar ou dizer em determinada época. Para este teórico, o sujeito social está dialogando com um contexto mais amplo que lhe dá os principais tópicos para discussão, no entanto, essa relação não é unilateral, no sentido que o indivíduo também se insere e atua sobre o cenário em que vive.¹⁰

Para pensar a emergência de um movimento social, em especial a atuação da mulher como sujeito político, é de grande importância a concepção teórica de Céli Pinto,

⁸ PEDRO, Joana. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In *Revista Brasileira de História* vol. 26 n° 52; São Paulo. 2006. Disponível em: <[HTTP://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-)

⁹ Idem

¹⁰ SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo esta autora, a dinâmica de um movimento social se dá por um processo de identificação/diferenciação. Uma comunidade que compartilha a condição de exclusão social teria potencial para exercer poder através da resistência. Ou seja, partindo da existência concreta da diferenciação social, um grupo pode exercer poder desde que se torne constituidor de sujeitos sociais conscientes de seu lócus social, que passem a se organizar para combater essa exclusão. Por tanto, a consciência da diferenciação social de um grupo, quando organizado, leva à formação de novos sujeitos sociais e ajuda a constituir uma nova identidade.¹¹

Pensando essa concepção teórica em relação ao grupo Costela de Adão e à constituição de sujeitos feministas através de seu núcleo, partimos da ideia de que a existência de uma relação desigual entre homens e mulheres em nossa sociedade é dada a priori como uma situação concreta. No entanto, o desconforto de algumas mulheres com as relações de gênero em nossa sociedade, aliado à criação de uma coletividade onde se possa pensar essa desigualdade, pode ser uma pista em relação à formação de uma identidade feminista.

Vamos trabalhar com Sandra Pesavento para pensar a questão da identidade no interior de coletividades. Segundo esta autora, a formação de uma identidade social se dá sempre no interior de uma comunidade simbólica. Essas comunidade seriam construções mentais que atribuem valor a realidade, levando à sensação de coesão social e de pertencimento. Para Pesavento, o processo de construção de identidades ocorre de forma relacional com outras categorias sociais, essas interações podem se dar de diferentes formas: desde uma postura agregadora, passando pelo contraste, e chegando à aversão.¹²

O trabalho se desenvolve em dois capítulos – sendo estes divididos em três subcapítulos cada um. A primeira parte deste estudo aborda o contexto de surgimento do grupo

¹¹ PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina, BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Carlos Chagas, Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e Região: diálogos do “mesmo” e do “outro”(Brasil e Rio Grande do Sul. Século XIX). In PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Ed. UFRGS. 2003

feminista Costela de Adão – para tanto, começamos (1.1) situando o leitor no histórico da organização e no projeto político formulado por aquelas mulheres. No seguinte sub-capítulo (1.2) discutimos, através do discurso do CA, a auto-inserção do grupo no contexto político internacional – através dos acontecimentos de contestação cultural dos anos de 1968 e dos novos movimentos que surgem através destes episódios. Por fim, (1.3) trabalhamos a dissolução do Grupo de Mulheres de Porto Alegre para pensar a relação entre duas organizações que nascem com a separação do grupo maior – Costela de Adão e Movimento de Mulheres pela Libertação. Através da postura diferenciada destes dois movimentos pretendemos explicitar tópicos relacionados ao feminismo brasileiro e suas vertentes.

O segundo capítulo discute as condições de emergência de uma identidade feminista no grupo estudado, partindo da concepção teórica de que a formação de um padrão identitário se dá através da relação com outros movimentos e sujeitos sociais. No primeiro sub-capítulo (2.1) trabalhamos com os fatores sociais que davam condições da mulher se identificar com as bandeiras feministas, através de variáveis como: classe social, nível de escolaridade, formação profissional, envolvimento com outros movimentos sociais, etc. Dando seguimento ao trabalho (2.2) estudamos a relação do CA com outros movimentos sociais do período, em especial com organizações progressistas ou de esquerda, são elas a imprensa alternativa, marxistas e movimentos feministas. Por fim (2.3) pesquisamos no discurso do Costela de Adão a relação entre o grupo e o lugar comum da mulher na época – a dona-de-casa – pensando se o CA procurava representar os interesses de todas as mulheres - pensando essa categoria como socialmente diversa - e se o movimento conseguiu atrair pessoas de outras classes sociais além da classe média.

Capítulo I - Condições de emergência do discurso do grupo Costela de Adão

"O feminismo traz em si uma nova maneira de pensar a realidade tanto para mulher como para o homem. Portanto, embora por motivos óbvios tenha nascido entre as mulheres, é uma luta tanto do homem quanto delas, porque quer libertá-los dos papéis rígidos que são obrigados a representar [...]"¹³

Nesse capítulo, vamos abordar o projeto político do Grupo Costela de Adão, procurando situar essa organização em um campo de pensamento mais amplo. Para tanto optamos por partir do discurso do grupo para compreender aspectos do contexto nacional e internacional. Em um primeiro momento, vamos trabalhar com a dinâmica da atuação dessas feministas - reuniões e atividades - dando os primeiros passos para se pensar a concepção política da organização. Em um segundo momento, vamos inserir esse discurso em um contexto mais amplo: as influências de uma nova forma de pensar a luta política - contestação cultural de 1968; novas formas de pensar a representação na política - movimentos identitários; e por fim, o feminismo internacional nas leituras do CA. O terceiro e último sub-capítulo narra a dissolução do Grupo de Mulheres de Porto Alegre - dando origem ao Costela de Adão e ao Movimento de Mulheres pela Libertação. A relação entre os dois grupos é o ponto de partida para a discussão em torno da adaptação do feminismo ao contexto brasileiro - alianças e conflitos.

Para pensar a relação entre a produção discursiva de um autor com o contexto no qual está inserido - aspecto teórico que permeia todo esse capítulo - vamos trabalhar com o contextualismo linguístico de Quentin Skinner. Este pesquisador dialoga com duas concepções opostas de análise textual: por um lado, o meio social seria determinante do significado de qualquer texto, por outro, o texto teria autonomia, contendo sua chave de leitura a partir de si mesmo. Através da relação destes dois pressupostos, este teórico desenvolve um trabalho que traz o contexto para a análise de uma obra, mas não de forma causal, pois aborda de forma articulada as intenções e motivações do autor com o meio

¹³ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p. 8 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

social que está inserido.¹⁴

O método desenvolvido por Skinner, aplicado à análise de grandes teóricos do pensamento político moderno, parte do estudo da matriz social e intelectual para compreender o discurso proferido por estes teóricos. O contexto, neste aspecto, não é determinante da obra de um sujeito, mas funciona como um vocabulário normativo. Ao mesmo tempo em que ele apresenta os limites discursivos de uma determinada época, funciona como um campo de ação. Dessa forma, o autor é pensado enquanto sujeito social que também atua sobre a sua realidade, dialogando, contestando ou até mesmo ignorando ideias e convenções predominantes em sua época.¹⁵

Partindo do argumento central desse teórico "[...] só é possível compreender os significados de um dado texto [...] recuperando as intenções do autor no ato da escrita e 'reconstruindo' o contexto das convenções linguísticas disponíveis em um determinado tempo histórico"¹⁶, optamos por trabalhar na escrita deste trabalho com a articulação entre a linguagem escrita do grupo Costela de Adão e o contexto suscitado pela obra, ou seja, procuramos compreender a forma como estas feministas se colocam em seu momento histórico - com que sujeitos dialogam, a que correntes de pensamento se filiam, quais correntes elas debatem ou repudiam. O período narrado nesse trabalho não está acima ou é pensado como anterior ao discurso do CA, pelo contrário, o contexto é "reconstruído" através da inserção social e da produção política do grupo.

Para pensar o feminismo enquanto luta política vamos utilizar a abordagem desenvolvida por Celi Pinto, segundo a qual, o movimento feminista não pode ser definido a partir de um caráter reivindicatório específico ou mesmo uma exclusão específica, como é o caso dos movimentos sociais em torno de uma causa, como o Movimento Sem Terra ou Movimento Sem Teto. Segundo Pinto:

"[...] O movimento feminista constitui-se em torno de uma condição de exclusão

¹⁴ SOUZA, Vanderlei Sebastião. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o "contextualismo linguístico" de Quentin Skinner. *In Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 5, Ano V, n° 4. 2008.

¹⁵ SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁶ SOUZA, Vanderlei Sebastião. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o "contextualismo linguístico" de Quentin Skinner. *In Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 5, Ano V, n° 4. 2008.

dispersa, e ao mesmo tempo, onipresente no sentido de perpassar todas as posicionalidades do sujeito em sua vida cotidiana."¹⁷

Para complementar esse conceito, Natália Pietra Méndez, em pesquisa de mestrado acerca do movimento feminista em Porto Alegre, afirma que apesar da opressão de gênero recair sobre todas as mulheres, a consciência desse fato é constituidora de um sujeito diferenciado. Para a autora, ser feminista passava por assumir-se como mulher, chamando atenção para as opressões sofridas por essa categoria e ter consciência que uma mudança estrutural na sociedade só seria completa se levasse em conta os problemas específicos sofridos pelas mulheres.¹⁸

1.1 Apresentação da dinâmica e do projeto político do grupo

Para realização deste trabalho é imprescindível apontar as contribuições da pesquisa de Natalia Pietra Méndez: *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*.¹⁹ A leitura desse material foi central para a escolha da temática deste estudo, sem a qual nem mesmo saberia da existência da organização que me proponho a estudar. Essa dissertação foi pioneira²⁰ ao trabalhar com o movimento feminista fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo - nela a autora desenvolve um vasto panorama dessa corrente política no Estado do Rio Grande do Sul, em especial Porto Alegre. Para além das contribuições relacionadas às fontes e à bibliografia sobre a temática, este trabalho contribuiu teoricamente para se pensar a complexa rede de relações entre os grupos feministas dessa capital, explicitando alianças e disputas em torno de projetos políticos diversos.

Parto, portanto, do pressuposto de Méndez de que "[...] o discurso feminista é

¹⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina, BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Carlos Chagas, Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

¹⁸ MÉNDEZ, Natália Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹ Idem

²⁰ Ana Maria Colling publicou já no início da década de 1990 sua dissertação acerca da participação de mulheres na luta contra a ditadura, e os novos lugares ocupados por elas no meio público. Este trabalho tem um enfoque diferenciado de Méndez porque não trabalha de forma específica com organizações feministas. COLLING, Ana Maria. "Choram Marias e Clarices" - Uma questão de gênero no regime militar brasileiro. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

estruturado, e ao mesmo tempo, estruturante, de múltiplas relações sociais"²¹. O estudo do projeto político de um grupo demonstra uma multiplicidade de conflitos: no interior do mesmo, em relação a outros grupos feministas, aos demais movimentos sociais e a "outras mulheres" que não se identificam com o feminismo. Partindo das diferentes contribuições desse estudo, inicio este trabalho abordando o projeto político do Costela de Adão para compreender a forma como ele se coloca em um contexto mais amplo.

Como vimos na introdução, o Costela de Adão surgiu no interior do Grupo de Mulheres de Porto Alegre:, uma organização que agrupou de forma experimental mulheres que se interessavam por discutir a situação feminina, em um contexto em que o feminismo havia despontado em poucas capitais brasileiras. Tal como o GMPA, o CA também surgiu de uma maneira informal. Conforme se lê numa entrevista concedida pelo grupo ao *Correio do Povo*, em 1980, isso se deu "*[...] a partir da ligação de quatro mulheres que discutiam assuntos relacionados com a sua condição feminina. Temas como opressão social, estrutura patriarcal e desigualdade eram percebidos e analisados de forma espontânea*"²². Nessa mesma entrevista dada ao *Correio do Povo*, elas fizeram questão de afirmar que o grupo não tinha coordenadora, nem seguia nenhuma organização burocrática rígida, que as atividades se centravam em reuniões semanais, na casa das participantes, onde a percepção subjetiva em torno da realidade sexista ganhava um cunho político. Em outra matéria, publicada pelo *Coojornal* também em 1980, elas enfatizam o objetivo de seus encontros: "*Nosso enfoque de grupo é a discussão da problemática própria e achamos revolucionário discutirmos coisas da gente.*"²³

O caráter privado das reuniões e o enfoque na discussão teórica aproximam o CA de uma concepção de feminismo ligada a grupos de reflexão, inspirados na vertente estadunidense desse movimento. Segundo Joana Pedro, essas organizações de mulheres surgem na primeira metade da década de 1970 no Brasil, e caracterizavam-se por serem compostos por um número pequeno de mulheres - em sua maioria de classe média e

²¹ MÉNDEZ, Natália Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²² *Jornal Correio do Povo*, edição 17/08/1980. Matéria intitulada: "Amélia é que era a mulher de verdade. Era?"

²³ *Coojornal*. *Costela de adão, um grupo feminista com nome de homem*. Porto Alegre. 1980

intelectualizadas - que se utilizam de um terreno privado e informal para discutir a opressão compartilhada pelo gênero feminino. Em uma citação realizada pela autora, dando voz a uma participante dessa qualidade de feminismo, a entrevistada Branca Moreira Alves afirma que a base do movimento feminista seria justamente compartilhar a experiência de opressão individual, pensando-a como representativa da realidade de uma coletividade - em suas palavras: "*Se o que era aparentemente individual e isolado se revela na verdade, como uma experiência coletiva, concretiza-se a possibilidade de luta e transformação.*"²⁴

A experiência pessoal das militantes era central não somente nas reuniões do grupo, mas também no material publicado por elas em 1980. As últimas páginas da revista *Escritos sobre o feminismo*, que estamos usando como fonte, abordam quatro histórias vivenciadas por mulheres que acompanhavam o grupo. Estas histórias explicitavam situações de preconceito e violência representativas da vida de mulheres no meio público. Um dos casos foi o de duas amigas que tomavam cerveja em um bar em Porto Alegre e que foram assediadas pelos homens que ali estavam. Ao reagirem, receberam o repúdio do próprio estabelecimento: "*O cara nos respondeu que não serviria mais cervejas para mulheres sozinhas, já tínhamos atrapalhado os fregueses de seu bar.*"²⁵ Os outros relatos abordaram tentativa de estupro de uma mulher no litoral gaúcho e as reações machistas nas ruas de Porto Alegre e nos órgãos institucionais do Estado.²⁶ Trazer para discussão os problemas cotidianos vividos por essas mulheres era uma forma de conhecer e combater uma realidade opressiva, esse era um foco central no CA.

O caráter pessoal dos debates políticos do Costela de Adão, centrado na vivência individual da realidade, não fez do projeto político do grupo algo restrito à opressão à mulher. Pelo contrário, o CA trabalhava com uma concepção política globalizante, pensando as relações de poder como diluídas nos diversos âmbitos da sociedade. Nos *Escritos sobre o feminismo*: "*São questionados os padrões de comportamento sexual, a moral burguesa, a religião, a ciência (que descobriu tantas explicações "científicas" para*

²⁴ PEDRO, Joana. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In *Revista Brasileira de História* vol. 26 n° 52; São Paulo. 2006. Disponível em: <[HTTP://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-)>

²⁵ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 1 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. P. 38 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

²⁶ Idem p. 35-42

a inferioridade feminina), a organização familiar monogâmica, e etc..²⁷". A seguinte citação, retirada da mesma obra, resume a concepção de luta feminista compartilhada por essas mulheres:

*"Considerando o feminismo na sua acepção mais ampla e profunda, observa-se que ele tem condições de propor uma nova ordem social, que transcende a simples transformação da ordem política e econômica, que não se limita a exigência de igualdade social entre as pessoas."*²⁸

A concepção de transformação social é, portanto, pensada para além das grandes estruturas sociais - isto é - nas interações humanas mais básicas como a relação homem/mulher, adulto/criança, maternidade/paternidade. Segundo Méndez, o Costela de Adão "*defendia que a transformação deveria começar primeiramente pelos indivíduos para que ocorresse uma efetiva transformação nas relações entre homens e mulheres*"²⁹. Portanto, ainda segundo essa autora, a mudança social estaria ligada à transformação dos valores que regem as relações humanas, e partiria do questionamento dos papéis social como pai, mãe, patrão e criança.

O posicionamento político desenvolvido pelo CA pensa uma nova sociedade para homens e mulheres, através do conhecimento e do questionamento das estruturas sociais que limitam a expressão dos sujeitos. A luta, segundo elas: "*[...] é tanto do homem como delas [as mulheres], porque quer libertá-los dos papéis rígidos que são obrigados a representar.*"³⁰ Essa atitude que pensa a mudança social através da transformação dos padrões de gênero estereotipados, não coloca a mulher contra o homem, mas contra uma sociedade machista. Esta postura se revela em dois aspectos - em um primeiro afirmam que as mulheres não querem disputar o lugar homem em nossa sociedade: "*Acreditamos na busca de novas formas de relacionamento entre as criaturas, e queremos mostrar aos homens que não é o lugar deles que nos interessa, numa sociedade que negamos, baseada*

²⁷ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p.7 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

²⁸ Idem p. 10

²⁹ MÉNDEZ, Natália Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³⁰ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980.p. 8 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

em valores que não acreditamos."³¹. Um segundo aspecto diz respeito à possibilidade de homens participarem de algumas das reuniões do grupo. Essa postura de convidar homens para reuniões é afirmada pelo CA como um contraponto ao feminismo norte-americano, que caracterizava-se por realizar grupos de reflexão compostos somente por mulheres.

Até o momento pudemos pensar o projeto feminista do grupo Costela de Adão como parte integrante de uma corrente política inspirada nos grupos de reflexão estadunidenses. A partir desse campo de pensamento, o desconforto de algumas mulheres com as situações de opressão que tomam parte na sociedade é compartilhado em um terreno privado e pensado com um cunho político. Podemos observar que apesar da reivindicação de trabalhar com temas específicos da mulher como uma força de transformação social, o Costela de Adão pensa uma nova sociedade não somente para “elas”, mas para os diferentes sujeitos sociais. Para ficar mais clara a amplitude de seu projeto político, vamos abordar algumas das temáticas que mais aparecem no discurso do grupo através de suas publicações.

A principal produção escrita do Costela de Adão centrou-se na confecção de dois números da revista *Escritos sobre o Feminismo*, meio pelo qual eram difundidas as ideias do grupo para um público mais amplo. Os materiais eram produzidos artesanalmente e com recursos próprios das participantes do grupo – e por fim eram vendidos em eventos culturais.³² A publicação dos dois números da revista ocorreu em 1980, sendo que o primeiro contou com duas tiragens devido à grande saída. Entre os temas abordados, a sexualidade ganha um destaque central, através dos pontos: monogamia, homossexualidade, vida autônoma, aborto e métodos contraceptivos. Também se destaca o debate em torno da intervenção da sociedade na construção de rígidos padrões sociais para os indivíduos, sendo questionados papéis como: homem/mulher e pai/mãe. Segundo as autoras, a inovação estava mais na atitude de discutir esses temas do que no esgotamento desses tópicos.³³ Os artigos publicados nas revistas não são assinados individualmente, apenas no final do número as autoras fazem referência à composição do grupo naquele

³¹ Idem p. 10

³² *ESCRITOS sobre o feminismo* - nº 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. P. 3 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

³³ Idem p. 6

momento.³⁴

A concepção de mundo das integrantes do CA é perceptível no texto “*Sobre o individual, o político e a monogamia*”, publicado no segundo número da Revista.³⁵ Nesse material é afirmada a importância do caráter ideológico da dominação social. Segundo elas, para a manutenção da sociedade atual, para além das relações econômicas entre classes sociais, existiria uma dominação cultural que controlaria a expressão do indivíduo. O mais perigoso desse caráter ideológico se deve ao fato de que: “*Quanto mais esse tipo de dominação tiver sido interiorizado pelos indivíduos, mais eficiente será, uma vez que o caráter de comportamento imposto assumirá a aparência de comportamento natural, ou mesmo instintivo.*”³⁶

A monogamia é trabalhada através deste aspecto ideológico. Ela penetraria no indivíduo a ponto de se tornar algo normal ou natural em um relacionamento afetivo. A monogamia simboliza no texto uma dominação cultural que não apenas estabelece um número de parceiros, mas um roteiro que define: com quem, como e quando o indivíduo deve se relacionar, visando à manutenção da família tradicional. Esse raciocínio fica claro no seguinte excerto:

*“As relações afetivas tornam-se, assim, uma maratona na busca obsessiva de uma que seja perfeita: ‘a cara metade’. Todas as anteriores ficam abandonadas no caminho porque ‘não deram certo’ e são consideradas como tempo perdido. Se a meta não fosse um relacionamento exclusivista e permanente, mas se, pelo contrário, não houvesse meta alguma, talvez o homem pudesse fazer das relações com seu semelhante uma fonte de prazer, de transformação, de vida”.*³⁷

O texto demonstra o entendimento do grupo de que mesmo as relações afetivas entre as pessoas são passíveis de serem analisadas socialmente e que muitos dos problemas encarados de forma individual, resultantes de relacionamentos que “não deram certo”, são

³⁴ Na ocasião da publicação do primeiro número faziam parte do grupo: “Angélica, Áurea, Bia (Capi), Jane, Naia, Nazaré, René (Pancho) e Xica. Já o segundo número conta com as seguintes participantes: “Áurea, Clarisse, Elaine, Jane, Naia, Nazaré e Xica.

³⁵ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 1 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. P. 15 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

³⁶ Idem p. 15

³⁷ Idem p. 23

condicionados por uma sociedade que limita as formas de expressão dos indivíduos.

Outra temática central nos Escritos Feministas é a sexualidade, pensada como outro foco da repressão da sociedade, isso porque ela simboliza “[...] *um dos mais importantes fatores de satisfação e liberdade individual.*”³⁸ Segundo matéria publicada no primeiro número da Revista, nossa sexualidade é “[...] *bem mais ampla e abrangente do que aquilo que culturalmente nos foi imposto*”³⁹. Ela está para além do ato sexual e da reprodução. As autoras criticam o preconceito em torno do prazer pelo prazer (masturbação) e a noção de instinto que coloca o desejo como restrito ao homem e a realização do ato sexual como algo maior que a sua vontade, como sentimento que se apossasse da pessoa em determinado momento. O controle social e a padronização também aparecem na questão da homossexualidade. Segundo estas feministas, a própria divisão homo e heterossexual limita a sexualidade humana e caracteriza por si só um preconceito, definindo o “normal” e o “patológico” ou o “natural e o “anatural”.

1.2 A influência do feminismo internacional e dos movimentos de contestação cultural

Nesse sub-capítulo vamos abordar a influência do contexto internacional no discurso do grupo Costela de Adão, em especial procurar captar a representação de uma nova forma de pensar a luta política através dos movimentos de contestação cultural que despontaram no mundo no ano de 1968. Vamos também pensar o surgimento, nesse mesmo período, de novos sujeitos sociais lutando por seus direitos específicos – os movimentos identitários.

Nesse estudo, compreendemos o processo de revolução cultural de 1968 como movimentos políticos que ocorreram nesse ano, bem como os que antecedem ou nascem deste contexto – que apareceram através de manifestações em diferentes países. Segundo Cardoso, esses movimentos se caracterizam por transgredir a forma tradicional de fazer política da esquerda até o período – tendo como característica a reivindicação de uma

³⁸ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p. 18

³⁹ Idem p. 18

transformação total da realidade. Ainda segundo ela, apesar das semelhanças, “os movimentos de 68” possuem concepções teóricas e práticas não homogêneas.⁴⁰

A vertente que mais se conecta ao projeto político do Costela de Adão é categorizada por Cardoso como a das lutas anti-autoritárias, enquanto as lutas por libertação ou revolucionárias – outras duas categorias apontadas pela autora – focavam sua atuação na tomada do poder, considerado como o centro da dominação e da repressão. As lutas anti-autoritárias pensavam o poder como uma relação presente nas mais diversas expressões da vida social - entre o homem e a mulher, pais e filhos, psiquiatra sobre o doente mental, da medicina sobre a população. Essas lutas, seguindo o argumento da autora, eram “*transversais*’, não limitadas a um país; eram “*imediatas*”, contestavam o poder mais próximo e não esperavam soluções dos problemas no futuro [...]”⁴¹

Segundo Méndez, a experiência do feminismo no Brasil pode ser pensada nesse campo mais amplo da política internacional:

*"O movimento feminista pode ser compreendido como parte integrante dos novos movimentos sociais surgidos na América Latina e outros continentes a partir da década de 1970, pois incorporou algumas características comuns a outros movimentos: a contestação as formas tradicionais de representação política (partidos e sindicatos); sua articulação ocorre a partir de novas demandas sociais que trazem para esfera pública problemas do mundo privado, portanto sua luta pela transformação social não se limita ao aspecto econômico."*⁴²

Como vimos no primeiro sub-capítulo deste trabalho, o Costela de Adão surge questionando princípios da organização político-partidária – ao afirmar que o grupo não tinha coordenadora, nem seguia nenhuma organização burocrática rígida.⁴³ O caráter de um feminismo mais reflexivo e teórico, característica do CA, fez com que o grupo trouxesse para o debate político temas antes relegados à esfera privada, tais como – sexualidade, homossexualidade, vida autônoma e anticoncepção – através de debates promovidos em

⁴⁰ CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960. In: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2. 2005

⁴¹ Idem

⁴² Idem

⁴³ *Jornal Correio do Povo*, edição 17/08/1980. Matéria intitulada: “Amélia é que era a mulher de verdade. Era?”

reuniões semanais.

O feminismo acompanha as transformações ocorridas na política através do campo teórico e na prática, com os novos movimentos sociais. Segundo Manini, em artigo que aproxima o feminismo à crítica da modernidade, essa nova forma de pensar a política foi proposta por Michel Foucault, ao desconstruir a ideia de que o Estado seria o órgão central e único do poder. Para ele, existem formas de exercício do poder, os quais chama de micro-poderes, que estão presentes na vida cotidiana. Essa forma de pensar a política aparece nos movimentos identitários - tais como o negro, homossexual e feminista - que surgem no cenário brasileiro a partir dos anos 1970. Ainda segundo Manini:

"[...] esses movimentos pretendiam realizar transformações políticas e culturais, pois ao evidenciar o anseio por direitos que legitimassem a cidadania de seus membros, denunciavam preconceitos e uma certa opressão cultural constituída sobre eles"⁴⁴

No discurso do grupo Costela de Adão podemos acompanhar a consciência que suas discussões estavam inseridas nesse campo político, através da luta por uma categoria identitária - a mulher. Além disso, o CA defendeu o direito de que outros sujeitos sociais excluídos **lutassem** por um espaço de poder. Isso se exemplifica na entrevista concedida pelo grupo ao Correio do Povo em 1980:

"Todos os grupos oprimidos necessitam de espaço para que se processe uma transformação, o que não ocorre por decreto. A origem da opressão não está no capitalismo, embora tenha sido acirrada por ele. Acreditamos que todas as lutas precisam de espaço para criação de uma sociedade aberta. São escalas de valor que precisam ser revistas."⁴⁵

O texto acima afirma que esses movimentos identitários deveriam lutar para legitimar o caráter de suas lutas no campo político – “o que não ocorre por decreto”. Isso demonstra algumas relações de conflito entre esses movimentos e as formas mais tradicionais de pensar a política. A dicotomia entre lutas gerais e lutas específicas é

⁴⁴ MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*, n. 3/4, Campinas: IFCH/Unicamp, 1995/1996.

⁴⁵ Jornal Correio do Povo, edição 17/08/1980. Matéria intitulada: “Amélia é que era a mulher de verdade. Era?”

importante para se pensar essas disputas – as reivindicações dos grupos identitários foram muitas vezes criticadas por representarem os interesses particulares de uma categoria social, em contraponto com a união em torno de um objetivo comum. Estas relações explicam a afirmação das mulheres do CA, nessa mesma entrevista, ao reivindicarem que o feminismo contém suas especificidades, e que muitas de suas frentes não podem ser integradas em outras lutas⁴⁶. Essa fala explicita o embate com outras correntes que pregavam a união em uma luta mais geral, tal como, o fim do capitalismo ou a luta contra Ditadura Militar no Brasil.

A defesa dos movimentos identitários - assim como a auto-inserção do grupo nessa denominação - aparece também na reportagem “Minorias?”, que faz parte dos Escritos sobre o feminismo nº 0. Nesse texto, o conceito de minorias, associado aos movimentos identitários, é questionado. Por trás do termo, segundo as feministas, existe uma relação de desrespeito com esse campo político – no sentido que ela indica que essas são lutas "minoritárias", que não representariam as demandas da maior parte da população. O contra argumento defendido diz que: *"o conteúdo da reivindicação desses grupos, [...] é capaz de fazer ver as 'maiorias' (silenciosas e manipuláveis) questões nunca dantes suscitadas."*⁴⁷

Conseguimos encontrar referências nos escritos do CA que associam seu discurso a um campo de pensamento amplo – as mudanças na concepção política pós 1968 e os novos movimentos sociais que surgem nesse contexto. As principais temáticas desenvolvidas pelo grupo, abordadas no sub-capítulo anterior, trazem questões antes delegadas ao mundo privado para o âmbito público – reafirmando a bandeira “o pessoal é político”, tema chave no feminismo internacional. Nossa análise também pode demonstrar a auto-inserção do CA nas lutas identitárias e as reivindicações do grupo em torno da legitimidade de categorias sociais defenderem seus direitos específicos. Por fim, vimos que o termo “minorias” era considerado pejorativo pelas integrantes do grupo, em vista que indicava que estas seriam lutas “minoritárias”.

⁴⁶ Idem

⁴⁷ ESCRITOS sobre o feminismo - nº 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. P. 31 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

1.3 A dissolução do Grupo de Mulheres de Porto Alegre: uma abordagem histórica do feminismo no Brasil

Para pensar questões relativas ao lugar ocupado pelo grupo Costela de Adão no contexto nacional e internacional, vamos estudar a dissolução do Grupo de Mulheres de Porto Alegre, em 1979. Como vimos, esse foi o primeiro grupo feminista a surgir na capital gaúcha. Criado em 1976, ele aglutinou mulheres que de alguma forma já se conheciam e decidiram se juntar para discutir uma questão que lhes interessava: a opressão feminina. Nessa época, o feminismo havia despontado em poucas capitais brasileiras, caminhando por um terreno ainda não traçado, segundo elas: "[...] *nem sabíamos por onde começar, ou sequer tínhamos claro o que um grupo de mulheres em Porto Alegre poderia fazer.*"⁴⁸ Portanto, decidiram reunir-se, discutir um problemática comum e trocar experiências.

Diante da necessidade de conhecer e discutir essa temática, uma das primeiras atividades do grupo foi a realização de seminários sobre o livro de Heleieth Saffioti: *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. O mesmo foi resultado da tese defendida pela autora em 1967, publicado pela Editora Vozes em 1976. Ele foi interpretado pela própria pesquisadora, posteriormente, como uma pesquisa que associava preceitos do marxismo e do feminismo, em um contexto pouco favorável para esta discussão. Segundo Mendéz, o livro tinha como foco: "[...] *analisar a situação da população feminina no Brasil dentro de uma perspectiva histórica que reconhecia a configuração de uma sociedade patriarcal e chegava às formas de exploração do capitalismo moderno sobre as mulheres.*"⁴⁹ Partindo de uma análise marxista, a autora inovava ao trazer para junto da categoria de classe social, o sexo como um fator determinante na exploração capitalista - a opressão da mulher era pensada como um subproduto estruturante deste sistema.

A leitura deste livro, segundo se lê em *Escritos sobre o feminismo*, nº 0 serviu como

⁴⁸ Idem p. 3

⁴⁹ MÉNDEZ, Natalia Pietra. Encontros e tensões entre feminismo e intelectualidade no Brasil: uma releitura do livro: *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, de Heleieth Saffioth. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPHU. SP, julho de 2011

um aprimoramento no nível intelectual e na abertura de novos caminhos de investigação.⁵⁰ No entanto, se pensarmos essa leitura em relação ao projeto político desenvolvido pelo grupo Costela de Adão, após a dissolução do grupo maior, compreendemos que o foco na área do trabalho e da exploração da mão de obra feminina, principalmente das classes baixas, diverge das posteriores leituras voltadas para a sexualidade e para questões voltadas à problemática da mulher instruída e de classe média.

A relação entre o viés marxista/feminista do GMPA e o foco na sexualidade do grupo Costela de Adão fica clara se fizermos um breve contraponto entre a leitura do livro de Heleieth Saffioti e os textos: *A dialética do Sexo*, de Sulamith Firestone e o *Relatório Hite*, Shere Hite – discutidos pelo CA. O primeiro deles foi publicado em 1973 e procura a explicação para desigualdade entre homens e mulheres em uma realidade “psico-sexual”. Seriam fundamentos biológicos – como parto, amamentação e cuidados com a criança - que levariam a mulher a estabelecer uma relação de dependência com o homem. Segundo Joana Sueli Lazari, o livro estabelece um contraponto à visão economicista, que dava a esta mesma questão uma resposta ligada à desigualdade dos meios de produção. Para Firestone: “*Existe um nível da realidade que não deriva diretamente da economia*”.⁵¹

O Relatório Hite, publicado pela primeira vez em 1976, obteve grande repercussão ao divulgar uma ampla pesquisa, com mulheres de 14 a 78 anos, sobre a sexualidade feminina. No livro é discutida a capacidade orgástica da mulher – principalmente através da masturbação e do clitóris - questionando, portanto, o mito da frigidez feminina. Conforme o texto de Tito Sena, Shere Hite “ênfatiza que 'não é a sexualidade feminina que tem um problema (uma disfunção) - é a sociedade que é problemática na sua definição de sexo e no papel subordinado que essa definição confere às próprias mulheres'”⁵²

As leituras realizadas pelo Costela de Adão distanciam o grupo do pensamento marxista que vigorava no cenário brasileiro, mesmo nos grupos de mulheres e organizações feministas. O afastamento em relação ao caráter econômico da dominação social e a

⁵⁰ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p. 3 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

⁵¹ Citação de Sulamith Firestone publicada no texto: LAZARI, Joana Sueli; "Inferioridade feminina: O desenredo da violência". Revista de Ciências Humanas, Vol. 7. n 10, 1991. Florianópolis, SC.

⁵² SENA, Tito. Os relatórios Shere Hite: Sexualidades, Gênero e os Discursos Confessionais. IN.: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis 25-28 de agosto. 2008

abordagem do tema da sexualidade se contrapõem ao foco “mulher e trabalho” daquelas organizações. Essa breve comparação entre as leituras desenvolvidas no CA – ligadas às temáticas do feminismo internacional – e o texto de Heleieth Saffioti - marcado como uma das principais leituras na primeira fase do GMPA - explicita a diferença entre os dois grupos. A comparação entre o GMPA e o CA não é o foco do presente sub-capítulo, mas demonstra uma mudança radical na postura feminista dessas duas organizações. Em seguida, voltamos a trabalhar com o histórico do primeiro grupo, as razões de seu desmembramento e o surgimento de novas organizações feministas em Porto Alegre.

Entre idas e vindas, o GMPA se manteve reunido até o ano de 1979. As atividades desenvolvidas nesse período foram bem variadas, alternadas entre o campo teórico e prático. Eram realizados debates internos sobre grandes obras do feminismo brasileiro e internacional⁵³, além de serem abordados artigos da imprensa, filmes e livros que lhes chamassem atenção. Outro foco era a manutenção de contato com grupos de mulheres e jornais feministas⁵⁴, além da participação e preparação de encontros de mulheres em nível local e nacional⁵⁵.

Segunda Mendéz, o desmembramento do grupo em fins da década de 1970, se deve a uma atividade pendular, ora atuando na defesa dos direitos específicos das mulheres, ora incorporando aspectos da luta contra a ditadura militar.⁵⁶ Já o histórico publicado pelo próprio grupo Costela de Adão apontou a dissolução como um processo de crescimento no número de integrantes, associado ao aparecimento de divergências quanto a pontos de vista

⁵³ Há uma dificuldade para descobrir as leituras destas feministas na ocasião do GMPA - no histórico do grupo, publicado pelos Costela de Adão, é citado somente o livro: *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*, Heleieth Saffioti.

⁵⁴ Conforme Escritos sobre o Feminismo n° 0: “Foram nessa época nosso contato com o Centro da Mulher Brasileira, do Rio de Janeiro, e com o jornal *Nós Mulheres*, de São Paulo, dentre outros.” Citam igualmente o contato com o Setor Feminino do MDB em Porto Alegre e a correspondência com o *Jornal Lampião*, voltado a causa dos homossexuais.

⁵⁵ Participaram do I Encontro Nacional de Mulheres, no Rio de Janeiro, em 1979. E do I Congresso da Mulher Gaúcha em 1981. Em 1982 participaram de um encontro no Colégio Rosário, em Porto Alegre; junto a outras organizações feministas da cidade: Ação Mulher, MML e Liberta.

⁵⁶ MÉNDEZ, Natália Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

e maneiras de agir.⁵⁷ O racha no interior do GMPA é nosso ponto de partida para discutirmos questões relativas aos conflitos no interior do movimento feminista e pensarmos os diferentes projetos que vigoravam no Brasil na década de 1970. Para isso, vamos trabalhar com dois dos grupos nascidos nesse desmembramento: o Costela de Adão e o Movimento de Mulheres pela Libertação.

Para entendermos as diferenças entre estes dois grupos, vamos recorrer à bibliografia sobre a adaptação do feminismo no Brasil, em tempos de ditadura militar. Segundo Sarti, existe um consenso na bibliografia em relação a duas vertentes do movimento de mulheres brasileiro. Por um lado, existiam grupos voltados a uma luta mais geral, ou seja, preocupados em questões relativas à luta contra a ditadura e com demandas da população mais pobres - os temas mais recorrentes nesses grupos eram relativos ao trabalho, direito e saúde. Por outro lado, existiam grupos com um caráter mais reflexivo, estes estavam ligados ao terreno da subjetividade, onde as experiências individuais de opressão eram compartilhadas em um terreno mais privado.⁵⁸

Na mesma linha trazida por Cynthia Sarti, Méndez afirma que o maior ponto de conflito no movimento feminista porto-alegrense foi a contradição entre lutas gerais da sociedade e a luta pelas questões específicas das mulheres. Ainda segundo esta autora, esse conflito é produto da peculiaridade da adaptação do feminismo ao Brasil - o movimento de mulheres brasileiro surge em um contexto de esvaziamento dos espaços tradicionais de luta política, produto dos anos de forte repressão do militarismo. Isso levou muitos grupos a incorporarem um duplo papel: por um lado criaram espaço para que mulheres se reunissem e discutissem uma problemática comum; por outro lado, "*o feminismo se constituiu como um canal privilegiado de denúncia ao regime militar e de defesa dos direitos civis*".⁵⁹

Os dois grupos que me proponho a discutir nesse momento são representativos

⁵⁷ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p. 5 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

⁵⁸ SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória. In *Revista Estudos Feministas*; Florianópolis; Maio-Agosto/2004.

⁵⁹ MÉNDEZ, Natália Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

desse amplo contexto de adaptação do feminismo ao Brasil. Ambos nasceram em 1979 com propósitos bem diversos. O Movimento de Mulheres de Porto Alegre teve como princípio atuação junto às mulheres trabalhadoras - lutava pela igualdade de salários, creches, direitos trabalhistas.⁶⁰ O Movimento de Mulheres pela Libertação (MML), tal como o livro de Heleieth Saffioti, defendia um projeto político que articula preceitos do marxismo e do feminismo. Para as componentes do grupo, a opressão feminina passava pela luta contra o sistema capitalista. Segundo Méndez, a consciência em relação a esse inimigo comum não chegava a diluir a opressão feminina frente a outras lutas, existindo a consciência que existe uma opressão específica em relação a sua condição enquanto sexo.⁶¹ Este grupo desenvolveu atividades práticas - através da promoção de eventos em vila - as quais visavam a conscientização das mulheres em relação à opressão capitalista e sexista. Além disso, participaram de lutas mais gerais que surgiam no contexto nacional, tais como movimento contra carestia, além de lutas por mais creches e pré-escolas.⁶²

As discussões realizadas pelo MML, as quais tivemos acesso através de uma ata de reunião do grupo⁶³, explicitam o diálogo destas mulheres com o projeto político desenvolvido pelo Costela de Adão. Em um momento de intervenções espontâneas é discutido se temas de caráter pessoal teria uma importância política. Uma das participantes, chamada Maíra, afirma que com o racha do GMPA, o MML se afastou das discussões de caráter pessoal, o que tornou o movimento muito rígido. Para ela, essas questões pessoais são evidentemente políticas.⁶⁴ Esse é um debate que avança durante a reunião, com mulheres que concordam com a importância política de seus próprios problemas e outras que acreditam que esta atitude desvirtuaria a prática em relação a problemas mais urgentes.

⁶⁰ *Jornal Correio do Povo*, edição 17/08/1980. Matéria intitulada: “Amélia é que era a mulher de verdade. Era?”

⁶¹ MÉNDEZ, Natália Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶² *Jornal Correio do Povo*, edição 17/08/1980. Matéria intitulada: “Amélia é que era a mulher de verdade. Era?”

⁶³ ATA DE REUNIÃO – Movimento de Mulheres de Porto Alegre, 1980. Localização: Acervo Carmem da Silva, IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). UFRGS.

⁶⁴ Essa fala foi reproduzida na ata de reunião do grupo da seguinte maneira: “A partir do racha, [do GMPA] enquanto o MML ficou com medo de levar o movimento para um lado pessoal. O movimento ficou muito rígido. As questões pessoais são evidentemente político.” Os problemas gramaticais e a falta de clareza no trecho podem ter relação com o caráter da fonte, escrita às pressas, como forma de registrar a fala de umas das integrantes do grupo.

A relação com o CA é afirmada em um segundo momento dessa mesma reunião. A ata faz referência à fala de Nice acerca do seu envolvimento com o feminismo e aponta algumas diferenças entre o CA e o MML: a militante afirma que seu contato com o feminismo se deu através do Costela de Adão, isso foi muito importante, mas atualmente ela não gostaria de voltar a um grupo só teórico. Ela gostou da preocupação do MML em participar da luta de classe.⁶⁵

O diálogo acima demonstra diferentes concepções políticas que norteiam o feminismo em Porto Alegre. Por um lado, a luta contra o capitalismo encontra um lugar central no MML, chegando a questionar a validade do debate em torno da opressão pessoal das participantes do grupo. O Costela de Adão, por outro lado, centra sua ação justamente nesse debate mais teórico, onde questões específicas da mulher encontram um campo para ser discutido. Para o CA, a desigualdade em torno das questões de gênero seria anterior ao capitalismo, de forma que não bastaria acabar com esse sistema para eliminar essa discriminação. Para essas mulheres, não havia conflito em lidar com questões pessoais. Conforme Méndez, elas acreditavam que: "*[...] temas como a sexualidade, a busca do prazer e a divisão sexual do trabalho doméstico, eram aspectos tão transformadores da sociedade quanto a luta de classes*".⁶⁶

⁶⁵ Na ata do grupo essa fala foi citada da seguinte forma: "*A cabeça mudou através do grupo de estudos Costela de Adão. Não gostava da ideia de voltar ao grupo só teórico. [...] Gostou da preocupação geral de participar da luta de classe*". Como na citação acima devemos levar em conta que a reprodução da fala foi feita de forma apressada, como forma de registro da reunião .

⁶⁶ MÉNDEZ, Natália Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Capítulo 2 - A formação de uma identidade feminista no interior do grupo

Costela de Adão

Nesse capítulo vamos estudar a formação de uma identidade feminista na organização Costela de Adão, partindo da concepção de que esse processo ocorre no interior de uma comunidade simbólica que dá sentido a uma realidade e ajuda a construir novos sujeitos sociais. Nosso ponto de partida (2.1) é estudar as condições sociais de emergência de uma identidade feminista no CA, através de variáveis: classe social, escolaridade e formação profissional de suas componentes e envolvimento com outras organizações políticas, entre outros. Dando seguimento ao trabalho, no segundo sub-capítulo (2.2), vamos analisar as relações do nosso objeto de estudo com outros sujeitos sociais e organizações que compartilhavam o mesmo campo político. Nesse sentido, procuramos explicitar as relações de poder e as disputas por legitimar diferentes projetos políticos - o foco é justamente demonstrar os conflitos entre a esquerda, a imprensa alternativa e grupos de mulheres em relação à vertente feminista desenvolvida pelo CA. Por fim, no último sub-capítulo (2.3) vamos abordar a relação entre as feministas do Costela de Adão e as demais mulheres brasileiras, em especial a dona de casa - pensada como ideal da mulher na época. Procuramos captar a representação desta categoria nos escritos do grupo e responder a pergunta: o feminismo conseguiu atrair para seu projeto político pessoas de diferentes classes e segmentos sociais?

O trabalho pensa o grupo de estudos Costela de Adão como constituidor de um micro sistema simbólico - este aspecto é abordado através do conceito de poder simbólico desenvolvido por Pierre Bourdieu. Segundo este teórico: *"O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo."*⁶⁷ Portanto, os símbolos são pensados enquanto meios de integração social - que permitem a comunicação e o consenso no mundo social.⁶⁸ Partindo desta visão, o CA, enquanto movimento social, é constituidor de uma visão de mundo que leva a uma coesão social e a um processo de formação de identidade nas suas participantes.

Para pensar teoricamente a formação de um novo sujeito social vamos trabalhar com a historiadora Sandra Pesavento, em especial com os conceitos de identidade

⁶⁷ Bourdieu, Pierre. O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrant Brasil. 1989

⁶⁸ Idem

e pertencimento, desenvolvidos no artigo: *"Nação e Região: diálogos do "mesmo" e do "outro" (Brasil e Rio Grande do Sul, Século XIX)*. No artigo citado, ela trabalha com estas noções através de coletivos como nação e região, todavia pensando essas constatações teóricas como aplicáveis a outros contextos. Vamos abordá-las envolvendo questões relativas ao movimento feminista. Segundo Pesavento, as comunidades sociais formulam padrões de referência identitária, que dão sentido a uma realidade social e levam seus membros a uma sensação de pertencimento. O processo de formação de uma identidade se dá através de categorias relacionais, ou seja, o "nós" se constitui em alteridade com os "outros". Essa relação ocorre com categorias diversas, de forma que podem ser muitos estes "outros", e estabelecer ligações de formas variadas: *"[...] analogia, contraste, proximidade, ou distância, desejo ou aversão, podendo chegar ao ódio e a sua versão perversa que a de exclusão"*⁶⁹

Dentro desta lógica, o processo de construção de uma identidade ocorre no interior de uma coletividade e em diálogo com formas diversas de compreender a realidade. O Costela de Adão, dentro dessa linha de raciocínio, pode ser pensado como uma comunidade simbólica que cria uma visão de mundo em torno das relações entre homens e mulheres. A formação das participantes sob a lógica desse campo de pensamento proporciona uma coesão e uma confluência de ideias. Por fim, o estudo desse grupo em torno da desigualdade de gênero elucidou a opressão social em torno da mulher e a consciência dessa opressão é constituidora de um sujeito social diferenciado - a feminista.

Através dessas contribuições teóricas procuramos compreender o campo de poder no qual está inserido o Costela de Adão - ou seja, que são os "outros" com os quais estas feministas se relacionam. Para tanto, vamos retomar as contribuições de Bourdieu, no sentido da crítica a uma noção que ele chama de "interacionista": *"a qual consiste em reduzir relações de força a relações de comunicação."*⁷⁰ Para ele esses contatos são sempre permeadas por relações de poder, e por isso mesmo desiguais, já que dependem do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes. Conforme esse autor:

⁶⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e Região: diálogos do "mesmo" e do "outro" (Brasil e Rio Grande do Sul, Século XIX). In PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Ed. UFRGS. 2003

⁷⁰ Bourdieu, Pierre. O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Editora Bertrant Brasil. 1989

*"As diferentes classes e facções de classes estão envolvidas em uma luta propriamente simbólica para imporem a definição de mundo social mais conforme aos seus interesses"*⁷¹

Dessa forma, não podemos ser ingênuos ao evidenciar as críticas recebidas pelo feminismo pelos diferentes setores sociais como meros diálogos, mas como relações de poder que buscam legitimar uma concepção política ao mesmo tempo em que procuram desvalorizar outras.

Um último postulado para iniciar esse capítulo é a compreensão de que a inter-relação entre grupos sociais distintos se dá através de uma via de mão dupla, na qual ambos os lados criam contrapontos uns em relação aos outros. Por tanto, procuramos elucidar tanto a visão das feministas frente a seus opositores, quanto as críticas recebidas por elas de diversos setores sociais - desde os conservadores aos mais progressistas.

2.1 Condições sociais de emergência do Costela de Adão

*"O feminismo teve que se enfrentar, ainda, com o fato de ser uma ideologia que tem marcas sociais precisas, sensibilizando mulheres profissionais, com educação universitária, pertencendo a camadas sociais com alguma experiência de vida cosmopolita, associada ao exílio político ou à formação educacional e profissional. Pressupõe, assim, recursos de ordem material e simbólica não acessíveis a todas as mulheres, sobretudo na sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais."*⁷²

Conforme a citação acima, o feminismo era uma ideologia que pressupunha recursos econômicos e intelectuais não acessíveis a todas as mulheres. Existiram algumas marcas sociais, tais como o acesso à esfera pública - educação universitária, formação profissional e envolvimento em movimentos políticos - que proporcionavam um questionamento das relações de poder nesse meio social.

Partindo destes pressupostos, vamos estudar nesse sub-capítulo as condições sociais de emergência de uma identidade feminista no grupo Costela de Adão, levando em

⁷¹ Idem

⁷² SARTI, Cynthia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória. In Revista Estudos Feministas; Florianópolis; Maio-Agosto/2004.

conta as variáveis: classe social, escolaridade e envolvimento com outras organizações políticas. Para tanto, através da história oral, procuramos um meio de conhecer um pouco da trajetória social e política de algumas integrantes do grupo - buscando compreender que meio social compartilhavam e a forma pela qual se conheceram e montaram o grupo.

O contato entre as feministas do Costela de Adão ocorre no período de graduação das integrantes, no interior da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - estudantes de economia, sociologia, biologia, medicina⁷³. Em entrevista concedida para esta pesquisa, uma das componentes do grupo, Clarisse Castilhos, afirmou que

“A gente foi se conhecendo porque a gente era amiga. A gente tinha uma proposta de vida um pouco Hippie. Acho que era mais radical assim. Quase todas tinham saído de casa, moravam em apartamentos comunitários.”⁷⁴

Essas mulheres compartilhavam não somente o mesmo núcleo social – através do movimento estudantil, ambiente universitário, contatos entre amigos - mas também um estilo de vida alternativo, expoente dos movimentos de contestação cultural dos anos anteriores.

O interesse em discutir a opressão específica da mulher foi precedido do contato com outros movimentos sociais. Segundo Castilhos: *“Em seguida [quando entram na universidade] a gente se envolveu com o movimento estudantil e o Costela já foi mais no último ano da faculdade. Que a gente começou a ler textos só entre mulheres.”⁷⁵* Ainda segundo a entrevistada esse contato com lutas mais gerais ocorreu anteriormente ao contato com o feminismo e após a criação do grupo se manteve paralelamente às suas atividades.

O envolvimento junto ao movimento estudantil foi de grande relevância para a tomada de consciência da desigualdade de gênero mesmo no interior de organizações progressistas:

⁷³ "Nós somos economistas [...] aí foram se somando a gente outras colegas universitárias. Uma colega, ela era da Biologia. E a outra que fazia teatro - a Nazaré. [...] a Angélica que fazia Sociologia. Bom tinham várias, tinha a Jane que era bióloga. A Áurea que era economista como eu. A Chica que era também da Medicina. Ela fazia biologia eu acho. A Jane que era bióloga [...]"

⁷⁴ CASTILHOS, Clarisse. Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté, em 20 de novembro de 2012, em Porto Alegre, RS.

⁷⁵ Idem

*"A maioria das mulheres do Costela de Adão teve alguma atuação no movimento estudantil - engajado na luta contra a ditadura -, cujas lideranças eram predominantemente masculinas. Nesse meio, era quase impossível inserir temas feministas, tendo em vista a hegemonia das formas tradicionais de fazer política, que a esquerda propugnava"*⁷⁶

A experiência comum em movimentos ligados à esquerda chamou atenção ao machismo que se reproduzia nesses espaços. Foi visando discutir uma problemática não contemplada nesses espaços que essas mulheres resolveram se reunir.

Segundo Celi Pinto, o ponto de partida para a consciência da opressão feminina não pressupõe necessariamente a inserção em um movimento feminista, existem outras instancias da sociedade que podem explicitar relações de poder centradas no gênero. Nesse sentido a inserção feminina no campo público pode levar a um rompimento do lugar tradicional ocupado pela mulher e pressupõe a sua inserção em uma rede de relações de poderes que pode ser questionada e resignificada.⁷⁷ A partir desses pressupostos, as mulheres do CA adentram o espaço público através do meio universitário e dos movimentos sociais ali instaurados e vivenciam nesses campos uma lógica absolutamente masculina. O desconforto em relação ao machismo e o preconceito junto às bandeiras feministas pode ser uma pista em direção à construção de uma coletividade onde esses desconfortos e problemas pessoas tomam um caráter político: o Costela de Adão.

O preconceito advindo das organizações de esquerda frente às questões específicas das mulheres foi um fator inquietante para as feministas de então⁷⁸. Na entrevista realizada com Clarisse Castilhos, ela diz que as integrantes do grupo nunca abandonaram as lutas sociais mais gerais:

"A gente era assim, um pouco mal vista pela esquerda brasileira tradicional - por

⁷⁶ Texto publicado por Clarisse e Áurea – integrantes do CA – no blog Mulheres Rebeldes; em sete de dezembro de 2011. Disponível em: <<http://mulheresrebeldes.blogspot.com.br/2009/12/escritos-sobre-feminismo-n-0.html>> Acesso: 22 de novembro de 2012.

⁷⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos Sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina, BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Carlos Chagas, Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

⁷⁸ Esse aspecto vai ser aprofundado no próximos sub-capítulo: "O grupo Costela de Adão e a relações com outros movimentos sociais".

toda esquerda brasileira. Porque a gente estava preocupada com a opressão das mulheres. E isso era visto como uma coisa burguesa. E não era verdade, a gente tinha uma formação marxista. E a gente discutia o marxismo, só a gente tinha um questionamento aos marxistas de então.”⁷⁹

A fala acima explica porque a discussão de temas feministas deveria ocorrer em um espaço reservado especialmente para “elas”, em vista que nos espaços políticos mais tradicionais essas temáticas não podiam ser tratadas. Podemos concluir que o não acolhimento dos movimentos mais tradicionais é um dos fatores que leva à criação de um novo espaço social livre desses preconceitos, onde se possa discutir inclusive o lugar da mulher na esquerda brasileira.

Dentro da linha de pensamento que trabalha com a inserção da mulher no espaço público como um dos fatores sociais que possibilitam a identificação junto ao feminismo, Natália Pietra Méndez afirma que as temáticas feministas como *“libertação feminina, direitos iguais e opressão masculina”*⁸⁰ – fazia sentido para mulheres que passavam a ocupar lugares sociais antes destinados exclusivamente ao gênero masculino. Seguindo esse raciocínio, ela afirma que:

“[...] a inserção no mercado de trabalho e o aumento no nível de escolaridade, não foram acompanhados de uma mudança nos padrões de divisão sexual do trabalho. [...] Ao contrário, na maioria dos casos a jornada dupla de trabalho tornava ainda mais áspera a vida cotidiana.”⁸¹

Sem dúvida o descompasso entre a qualificação profissional e intelectual associado à falta de reconhecimento e a manutenção da desigualdade entre homens e mulheres levou muitas mulheres à insatisfação em relação ao lugar social atribuído a elas.

Outro aspecto relevante no que diz respeito à formação universitária das integrantes do Costela de Adão é o conhecimento acumulado por elas, que proporcionou o

⁷⁹ CASTILHOS, Clarisse. Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté, em 20 de novembro de 2012, em Porto Alegre, RS.

⁸⁰ MÉNDEZ, Natália Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸¹ Idem

acesso e a compreensão de produções teóricas do feminismo, como os trabalhos de Heleieth Saffioti, Sulamith Firestone, Shere Hite. Segundo Méndez, as integrantes do movimento feminista porto-alegrense “[...] não faziam parte, na sua maioria, de uma elite econômica, mas constituíam uma elite cultural, o que indica que – como mulheres – alcançaram uma inserção social diferente da maioria da população feminina de sua época.”⁸² Isso confirma que a vertente feminista desenvolvida pelo CA – marcada pela segunda onda desse movimento – pressupunha um capital simbólico não acessível à população em geral.

Podemos concluir que entre as condições sociais de emergência do sujeito feminista no interior do grupo Costela de Adão estava a inserção no meio social através da formação universitária e o envolvimento com os movimentos sociais do período. A formação intelectual e a militância junto à esquerda tradicional não foram acompanhadas de uma mudança na lógica masculina e restritiva às questões específicas das mulheres. Acreditamos que a inserção no meio social que mantinha alguns dos padrões tradicionais de gênero chamou a atenção dessas feministas ao lugar diferenciado de homens e mulheres na luta e levou à necessidade de formação de um novo espaço político onde estas mulheres e prováveis feministas pudessem se reunir.

2.2 O grupo Costela de Adão e a relações com outros movimentos sociais

"De todos os movimentos mais ou menos revolucionários, [...] o feminismo é o que encontra maior resistência à aceitação, mesmo por parte daqueles que se pretendem contrários ao 'sistema' por pensamentos, palavras e obras”⁸³

A citação acima foi publicada na revista *Escritos sobre Feminismo* e é representativa do contexto pouco favorável ao feminismo naquele período do Brasil. Segundo Sarti, ser feminista na década de 1970 era encontrar oposições de todos os lados, da direita por ser um movimento imoral, da esquerda por ser um reformismo burguês, e para muitos homens e mulheres ser feminista era ser anti-feminina.⁸⁴ Para o Costela de Adão o problema não se

⁸² MÉNDEZ, Natália Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸³ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 0 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. P. 8 Disponível em: www.mulheresrebeldes.org

⁸⁴ SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. Trabalho apresentado no XXI Congresso Internacional da LASA, Chicago, 24-26 de setembro de 1998.

centrava na repulsa do governo ou da população conservadora, mas em relação àqueles que se diziam "revolucionários", mas negavam a legitimidade da luta específica das mulheres.

Neste sub-capítulo vamos estudar justamente o diálogo do CA com setores progressistas da sociedade - marxistas, imprensa e outros movimentos feministas - abordando o uso do humor e do deboche como formas de banalizar a prática e o discurso feminista. Para este estudo vamos utilizar uma bibliografia que analisa esse contexto pouco favorável ao feminismo, trazendo a reação de movimentos consolidados em relação aos grupos feministas - em especial a vertente centrada nos grupos de reflexão. Igualmente, procuramos trazer as respostas do Costela de Adão às tentativas de desqualificação de seu projeto político.

O que parece importante para pensar estas disputas em torno de diferentes projetos políticos no cenário brasileiro é a peculiaridade do contexto em que o feminismo chega em nosso país. A existência da ditadura havia feito com que boa parte dos grupos de esquerda, imprensa alternativa e mesmo alguns grupos feministas tivesse focado em uma luta mais geral - centrada na oposição ao regime militar. Isso justificaria a aversão destes setores sociais aos grupos de reflexão - em especial - que decidiram centrar seu projeto político na questão da opressão feminina. Essas lutas eram pensadas como menores, um desvio do que realmente importava - a derrubada do regime em vigor ou o fim do capitalismo.

Por trás desta justificativa política se esconde o conservadorismo e o sectarismo destes setores de esquerda. Segundo Méndez, a crítica ao feminismo tinha raízes mais profundas, de modo que afetava a estrutura destes grupos: *"Este movimento [feminista], através de seu discurso, descortinava a existência de relações hierárquicas e discriminatórias dentro da estrutura das organizações progressistas."*⁸⁵ Ainda segundo a autora, a crítica voltada às feministas, de que elas enfraqueceriam as lutas mais gerais contra ditadura, era infundada, por duas razões: *"O movimento feminista foi um dos primeiros a ressurgir no país após o recrudescimento da ditadura militar pós 1968. E seu caráter contestador vai de encontro a qualquer regime autoritário"*⁸⁶.

⁸⁵ MÉNDEZ, Natália Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁸⁶ Idem

A dicotomia entre grupos de esquerda e os grupos de reflexão é um tema abordado por Joana Pedro, essa relação, segundo a autora, fica clara na fala de uma de suas entrevistadas:

"Ela me chamou para várias reuniões... eu não me via muito no campo dela. Eu era muito mais ligada às lutas da esquerda do que a qualquer outra coisa. Assim ligada a problemas existenciais e tal, eu não era. Ela me chamou para uma reunião - eu fui. E aí, achei aquela reunião [e era] um 'chororó' danado. As mulheres falando de dominação, dos maridos que tomavam conta e não sei quê... e eu me achava assim: a mulher que não tinha prisões, a mulher solta no espaço. Eu pensei: o que é que eu estou fazendo aqui, eu não vivo nenhum drama desses. E eu pensava isso."⁸⁷

Segundo Pedro, as palavras da entrevistada representam o que boa parte dos movimentos pensava acerca destes grupos de reflexão – primeiro que eles eram vistos em contraponto à luta da esquerda, e segundo, que os problemas discutidos nas reuniões eram encarados como questões pessoais, não representativos dos problemas sociais enfrentados pela população em geral.

A desqualificação dos grupos de consciência passava por afirmá-los enquanto parte do pensamento burguês, realizados por "dondocas" preocupadas com seus problemas específicos. Para Manini, o preconceito frente à concepção política destes grupos, fez com que o feminismo não tivesse se aliado a estes partidos de esquerda:

"[...]pois estes consideravam as propostas feministas "pequeno burguesas", incapazes de atender aos interesses das mulheres e desnecessárias em um momento onde o essencial, segundo eles, era lutar contra o autoritarismo e debater os problemas sociais do país"⁸⁸

No entanto, o distanciamento frente às organizações marxistas mais tradicionais não se restringe à postura pouco agregadora da esquerda - o próprio discurso do Costela de Adão assumia um contraponto à concepção política destes grupos. Nos materiais produzidos pelo CA existem referências à corrente de pensamento marxista. As mulheres

⁸⁷ PEDRO, Joana. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In *Revista Brasileira de História* vol. 26 n° 52; São Paulo. 2006. Disponível em: <[HTTP://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-)>

⁸⁸ MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*, n. 3/4, Campinas: IFCH/Unicamp, 1995/1996.

não negavam que existia uma estrutura econômica que explora tanto homens como mulheres. No entanto, se mostravam críticas à visão estrutural dessa corrente política, por entender que ela restringia a análise das relações sociais neste único aspecto. Essa concepção fica clara ao afirmarem que "*A manutenção da sociedade nos moldes atuais fundamenta-se não apenas nas relações econômicas entre classes com interesses antagônicos, mas também na dominação cultural - ideológica.*"⁸⁹ A teoria marxista, para o CA, subestima o poder da dominação ideológica como um mero reflexo da base material, a partir disso o indivíduo perde seu potencial transformador, já que o social determinaria o sujeito em uma única direção.

No já citado texto "*Sobre o individual, o político e a monogamia*" as feministas do CA desenvolvem a ideia que a dialética marxista deve incorporar aspectos da dominação ideológica e do poder de transformação do indivíduo através da cultura com os aspectos da superestrutura. Para tanto, citam Gramsci para afirmar que mudanças estruturais devem ser precedidas de mudanças na mentalidade das pessoas.⁹⁰

No interior do movimento de mulheres, que passou a surgir na década de 1970 no Brasil, também não faltaram críticas ao feminismo mais reflexivo, tanto que muitos grupos se afastaram do termo cunhado pelo contexto político internacional. Para abordar esta questão vamos trabalhar brevemente com dois grupos que despontaram no cenário nacional em 1975 - o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) e o Centro da Mulher Brasileira (CMB). O primeiro grupo, com uma formação majoritária de mulheres, se dedicou a representar os interesses da população como um todo, através dos princípios da democratização e da recuperação dos direitos civis das pessoas afetadas pela ditadura militar. No próprio nome da organização o termo "feminino" se apresenta como um contraponto ao conceito de feminismo que chegava ao Brasil nessa mesma época.⁹¹ A razão política da escolha deste termo é desenvolvida no livro de Rodeghero, Dienstmann e Trindade: "*Anistia Ampla, Geral e Irrestrita: História de uma luta inconclusa*" que traça o histórico do movimento pela anistia no Rio Grande de Sul. Therezinha Zerbine, uma das precursoras deste movimento em São Paulo, em palestra no Rio Grande do Sul, traça seu

⁸⁹ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 1 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. P. 15 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

⁹⁰ Idem p. 15

⁹¹ RODEGHERO, Carla Simone ; DIENSTMANN, Gabriel. ; TRINDADE, Tatiana. *Anistia ampla, geral e irrestrita: história de uma luta inconclusa*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora da Unisc, 2011.

contato com o feminismo, em um Congresso de México, e explica as diferenças percebidas entre a proposta do MFPA e o movimento de mulheres no mundo:

*"Segundo Zerbine, os problemas apresentados no México por mulheres norte-americanas e européias, tais como aborto, lesbianismo e prostituição, não eram problemas fundamentais para todas as mulheres. Eram, no seu entendimento, problemas típicos de sociedades decadentes. A fundadora do MFPA defendeu a pauta proposta pelas mulheres latino-americanas e africanas, mais preocupadas com a miséria e com a exploração imperialista."*⁹²

Podemos observar que a inserção das mulheres do MFPA no meio político vinha no sentido de lutar por causas gerais da sociedade. Problemas como a democratização e as condições de vida da população mais pobre se mostravam fundamentais em contraponto às discussões do feminismo que despontavam no mundo.

Um segundo aspecto levantado no livro acerca da opção pelo termo “feminino” diz respeito ao próprio papel que procuravam representar aquelas mulheres na sociedade brasileira. A estratégia de apresentá-las enquanto um movimento de mulheres era associá-las como as "mães" da nação, lutando por trazer seus "filhos" de volta. Para Rodeghero, Dienstman e Trindade:

*"Nada mais tradicional, ao ponto de parecer natural, do que a defesa da família pelas mães. Assim, quando as mulheres – mães ou potenciais mães – foram para o espaço público, elas reforçaram estes papéis, ainda que, naquele tempo, outras mulheres estivessem lançando sérios questionamentos aos mesmos."*⁹³

O segundo exemplo ilustrativo da recepção do feminismo no contexto brasileiro é o Centro da Mulher Brasileira (CMB) - primeiro grupo feminista institucionalizado no Brasil - criado em 1975. Esse caso é representativo das disputas no interior dos grupos feministas em torno da questão: lutas gerais/lutas específicas. Conforme o artigo "*O Centro da Mulher Brasileira e suas experiências nos anos 1970 e 1980*" de Raquel Soihet e Flávia Cópio Esteves, o CMB era composto por grupos diversos de mulheres - desde militantes de esquerda impedidas de militar em suas organizações até mulheres ligadas a um feminismo mais amplo. Essa variabilidade leva o grupo a uma atividade um tanto pendular - ora voltado para temáticas do feminismo internacional, ora preocupado com a

⁹² Idem

⁹³ Idem

luta contra ditadura. Segundo Esteves e Soihet apesar da presença de mulheres preocupadas com um feminismo mais reflexivo - com temas referentes à dominação masculina, subjetividade e relações interpessoais - essa se mostrou uma tendência derrotada frente às lutas mais gerais. A união com outros segmentos da sociedade - Igreja, Movimento Feminino pela Anistia - só aprofundou o distanciamento com temas característicos do feminismo internacional, como o aborto e a sexualidade.⁹⁴

O foco na luta contra ditadura e a aliança com setores mais conservadores (Igreja Católica, Movimento Feminino pela Anistia) levou o CMB a incorporar alguns dos discursos da esquerda, os quais viam com maus olhos os grupos de reflexão e a experiência feminista internacional. Os grupos de consciência, conforme Branca Moreira Alves, em entrevista concedida a Joana Pedro eram considerados como: “burguês, intimista; dizia-se que a sexualidade não era relevante, que se tinha de tratar de mulher e trabalho.”⁹⁵. Outras críticas que adivinham do CMB faziam referência ao movimento feminista que se desenvolvia nos Estados Unidos. Ainda conforme Pedro, era vista com maus olhos a tradução de livros feministas que focassem em temas como sexualidade e aborto. Além disso, as participantes do CMB se posicionavam contra algumas manifestações desenvolvidas pelo feminismo norte-americano, o que é exemplificado por Pedro com o comentário publicado no boletim do Centro: *"São típicas da sociedade norte-americana as reivindicações específicas, que por isso mesmo, morrem no seu própria âmbito, sem envolver quase nunca uma discussão de caráter político mais profundo."*⁹⁶

Podemos observar que tanto no interior dos movimentos mais tradicionais quanto nos novos movimentos de mulheres era muito forte a crítica aos grupos de reflexão inspirados no feminismo norte-americano. A união em torno da luta contra ditadura e pelo restabelecimento das liberdades democráticas aglutinou setores mais amplos da sociedade, os quais passaram a ver como desviantes as temáticas e os grupos que não se centravam nessa luta mais geral. Para finalizar, destacamos a falta de uma entrevistada de Joana Pedro, Anette Golberg, segundo a qual, nos tempos de ditadura militar: “[...]a

⁹⁴ SOIEHT, Raquel e COPIO, Flávia E. O Centro da Mulher Brasileira (CMB) e suas experiências nos anos 1970-1980. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel A. (orgs.) *As esquerdas no Brasil*. 2006

⁹⁵ PEDRO, Joana. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In *Revista Brasileira de História* vol. 26 n° 52; São Paulo. 2006. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-) Acesso 20 de julho de 2012

⁹⁶ Idem

política das oposições tinha adquirido aspectos tão autoritários e repressivos quanto os regime, e elas funcionavam como verdadeiras 'patrulhas ideológicas' com relação a tudo que desviasse das ortodoxias."⁹⁷

Para abordar a atuação da imprensa na manutenção de alguns estereótipos de gênero e pensar seu papel na desvalorização da luta feminista vamos trabalhar com Raquel Soihet, em artigo intitulado: "*Zombaria como uma arma antifeminista: instrumento conservado entre libertários*". Segundo essa pesquisadora, o uso do humor e da ridicularização funcionou como uma arma de desqualificação do movimento feminista no Brasil – utilizada mesmo por setores que pensavam a sociedade através de um viés libertário. O texto está ligado ao papel do jornal *O Pasquim* na promoção de ideias misóginas. Segundo a autora, existia um paradoxo no fato de seus membros se inspirarem nos movimentos de contracultura e estarem ligados ao combate ao autoritarismo e a crítica de costumes, e assumirem, igualmente, a postura de desqualificar a ação de mulheres que tinham o mesmo compromisso de lutar pelos seus direitos e por uma transformação cultural na sociedade.⁹⁸

Em sucessivas reportagens e entrevistas, as feministas e seu projeto político eram ridicularizados pelo jornal. Nessas publicações os editores reafirmavam velhos estereótipos:

*"[...] entre outros, a feiúra, a menor inteligência ou, inversamente, o perigo da presença desse atributo, a inconseqüência, a tendência à transgressão, a masculinidade com vista a identificar negativamente aquelas que postulavam papéis considerados privativos dos homens."*⁹⁹

Para Soihet, essas reportagens funcionavam como modalidades de violência simbólica, que reproduziam os padrões de gênero da época tal como a obrigatoriedade da beleza e a submissão e atuavam junto à produção da dicotomia feminina/feminista.

Segundo Méndez, o feminismo gaúcho também teve que enfrentar atitudes pejorativas por parte da imprensa. Isso apareceu no caso do artigo intitulado "*Feminismo, tolice feminina?*" publicado pelo jornalista Rogério Mendelski por ocasião da fundação do

⁹⁷ Idem

⁹⁸ SOIEHT, Raquel. Zombaria como arma anti feminista: instrumento conservador entre libertários. Revista Escritos Feministas. Vol. 13 n° 3. Florianópolis. Sept/dec. 2005

⁹⁹ Idem

MML.¹⁰⁰ Na citação realizada na sua dissertação fica clara a reação conservadora e a ridicularização como forma de deslegitimar a ação política do grupo de mulheres:

"[...] sou forçado a admitir, que tais organizações do tipo Woman's Lip são ridículas e quase sempre são lideradas por mulheres que estão de mal com o mundo. [...] Não sei, sinceramente, o que o MOMULI está querendo nesse momento difícil da vida nacional."¹⁰¹

Essa citação é representativa da visão de feminismo que repercutia no meio político gaúcho - para estes setores, diz Méndez, *"a palavra feminismo remetia automaticamente aos grupos existentes nos Estados Unidos"*¹⁰². No entanto, o autor do texto ignora a concepção política do MML, considerando que suas propostas estão mais ligadas aos preceitos marxistas - atuando em torno da questão do trabalho e junto aos setores mais pobres da população - do que ao feminismo desenvolvido nos Estados Unidos ou na Europa. O texto acima também reafirma a postura que coloca as reivindicações feministas enquanto secundárias ou mesmo "tolices" frente um momento "difícil" da história do nosso país. E por fim, afirma categorias de gênero em nossa sociedade, atribuindo às feministas atribuições não femininas: "feias", "mal amadas", "de mal com o mundo".

Ainda conforme Méndez, paralelo às demonstrações de preconceito do autor citado existiram reportagens que viam com bons olhos as organizações feministas que surgiam na década de 1970. Um exemplo é o já citado texto *"Amélia é que era a mulher de verdade. Era?"* que traça um panorama dos grupos que existiam em Porto Alegre, com a oportunidade dos mesmos exporem seu projeto político. Para finalizar a discussão sobre a reação a imprensa ao feminismo, Méndez afirma que essa postura política foi tudo menos ignorada pela imprensa gaúcha - mesmo por parte daqueles que o consideravam um movimento insignificante.

Nesse sub-capítulo demonstramos que o momento da chegada do feminismo no Brasil – ligado ao contexto ditatorial e aos movimentos de oposição liderados pela esquerda brasileira – foi pouco receptivo a esta nova corrente de pensamento. Embora por razões

¹⁰⁰ Jornal *Folha da Manhã*, 9/8/1979, artigo de Rogério Mendelski

¹⁰¹ Idem

¹⁰² MÉNDEZ, Natália Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

óbvias o movimento de mulheres fosse mal visto pelos setores conservadores – ligados ao moralismo do regime militar - o que mais incomodava as feministas era a oposição de setores progressistas da sociedade, em especial os desenvolvidos nesse capítulo – marxistas, imprensa alternativa e movimentos de mulheres. A vertente dos grupos de consciência foi a mais afetada por essas críticas, justamente por centrar suas lutas na questão da opressão específica da mulher. O movimento feminista foi acusado de divisionista da luta contra a ditadura, suas bandeiras classificadas como menores ou mesmo “tolices” e suas reivindicações pensadas como “burguesas”. Por trás dessas afirmações - que colocavam a luta contra a ditadura como algo central e outras questões como secundárias - se escondia um forte conservadorismo da esquerda brasileira ao reafirmar velhos estereótipos de gênero como forma de desvalorizar a luta das mulheres.

2.3 O grupo Costela de Adão e a relação com o “ideal” da mulher na sociedade¹⁰³

Nas próximas páginas vamos estudar como aparece no discurso do Costela de Adão a condição da mulher na sociedade. Através desta análise procuramos compreender se há uma preocupação do CA em representar os interesses de todas as mulheres, pensando essa categoria como socialmente diversa. Pretendemos responder a pergunta: o movimento feminista conseguiu atrair pessoas de diferentes classes sociais?

Como vimos na introdução deste capítulo, a formação de uma identidade se dá por um processo de alteridade - ou seja, o reconhecimento de um "nós" pressupõe a existência de um "outro". Portanto, a construção de um sujeito social ocorre de forma relacional com outras categorias sociais - através de uma aproximação ou de um distanciamento.¹⁰⁴ Vamos levar em conta estes pressupostos para pensar a interação de feministas com outras mulheres da sociedade.

Considerando os contatos entre grupos sociais diversos como uma relação que interfere na formação das identidades, interessa pensar nas categorias e imagens que permitem construir tanto a mulher como feminista quanto como "dona-de-casa". Segundo Méndez, o distanciamento entre essas duas categorias não ocorre através de uma

¹⁰³ Em referência a este “ideal” da mulher na sociedade vamos utilizar a categoria simbólica da “dona-de-casa”.

¹⁰⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Nação e Região: diálogos do “mesmo” e do “outro”(Brasil e Rio Grande do Sul. Século XIX). In PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Ed. UFRGS. 2003

só via, mas através de uma dupla diferenciação. De um lado, as feministas consideravam as donas de casa: "*a máxima da opressão, infelicidade e fracasso*"¹⁰⁵. Por outro, as donas-de-casa compartilhariam alguns preconceitos difundidos na sociedade em relação às feministas, os quais as identificavam como mulheres "mal amadas", "histéricas" e contrárias aos homens."¹⁰⁶ Nesse aspecto podemos concluir que não somente as feministas se diferenciam das demais mulheres, mas estas também se contrapõem àquelas.¹⁰⁷

Outro fator que interfere na falta de identificação de grande parte das mulheres com o feminismo diz respeito às marcas sociais precisas das militantes destes movimentos. Como vimos na primeira parte deste capítulo, existiam recursos materiais e simbólicos - tais como educação universitária, formação profissional, experiência de vida cosmopolita - que criavam meios de identificação e compreensão das bandeiras feministas.¹⁰⁸ Ou seja, falar em dominação masculina pressupõe a experiência de saída para meio público e a tomada de consciência da desigualdade de poder neste espaço.

Segundo Méndez, apesar desta distância simbólica entre as feministas e a grande massa de mulheres, existiram grupos que buscavam essa aproximação - esse foi o caso do Movimento de Mulheres pela Libertação (MML). Como vimos no primeiro capítulo, o projeto político do MML priorizava o diálogo com a mulher trabalhadora, associando fatores da opressão específica das mulheres e os aspectos gerais da sociedade capitalista. No entanto, ainda conforme Méndez "*Apesar das tentativas de aproximação [...] era notável o sentimento de estranhamento mútuo.*"¹⁰⁹ Através de seus discursos, as militantes se referem as mulheres como "as outras": "as trabalhadora", "as domésticas"; enquanto o pronome "nós" faz referência às feministas.

Mas ainda nos resta responder a pergunta: O Costela de Adão se preocupa com a representação de outras categorias sociais - tal como a mulher trabalhadora? Em entrevista

¹⁰⁵ MÉNDEZ, Natália Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁰⁶ Idem

¹⁰⁷ Idem

¹⁰⁸ SARTI, Cynthia A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. Trabalho apresentado no XXI Congresso Internacional da LASA, Chicago, 24-26 de setembro de 1998.

¹⁰⁹ MÉNDEZ, Natália Pietra. Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

concedida ao *Coojornal* em 1981¹¹⁰, as integrantes do grupo são interrogadas se seu projeto político luta pelas necessidades das empregadas domésticas. O CA afirma que elas são solidárias com a luta das empregadas e demais sujeitos sociais, mas acreditam que somente elas conhecem suas necessidades e, portanto, podem se organizar para lutar por condições melhores. Se auto-reconhecendo enquanto um grupo que luta por uma categoria identitária, as mulheres do CA procuravam conhecer suas necessidades e lutar por uma sociedade mais justa. No entanto, reconheciam que suas bandeiras não eram universais, dessa forma, não procuravam representar os interesses de outras mulheres, mas declaravam que cada grupo deveria lutar por suas questões específicas.

Essa postura do Costela de Adão é reafirmada por Clarisse Castilhos ao ser interrogada acerca da aproximação junto às demandas das populações de baixa renda, segundo ela:

"A gente não queria fazer trabalho popular, a gente achava que não tinha sentido para nós que era classe média. A gente estava muito naquela linha da revolução cultural, de cada um fazer a revolução a partir das suas próprias necessidades."

Pela fala da entrevistada, a própria corrente política seguida pelo CA – ligada aos movimentos identitários e aos movimentos de contestação cultural – influenciou o caráter de auto-representação.

A postura do Costela de Adão se distancia do MML. Enquanto estas tomavam uma postura de vanguarda frente a mulheres que não se identificavam com o feminismo, o CA compreende que seu projeto político corresponde aos interesses de uma minoria, que não representa as demandas das mulheres de classes baixas naquele momento. A limitada identificação com feminismo por parte das classes sociais mais baixas indica que a formação de uma identidade não se dá por um processo automático de percepção enquanto sexo oprimido. Podemos pensar que apesar de todas as mulheres compartilharem um

¹¹⁰ *Coojornal*, entrevista para a coluna Idéias e Opiniões. Costela de Adão, um grupo feminista com nome de homem. Porto Alegre. 1980

processo de opressão social, é a consciência da desigualdade entre homens e mulheres que leva à construção de um sujeito diferenciado: a feminista.¹¹¹

A falta de identificação junto às bandeiras feministas não se restringe às diferenças econômicas, o próprio discurso do Costela de Adão poderia parecer uma realidade distante para maior parte das mulheres brasileiras. Essa ideia é desenvolvida por Mendéz:

*"Falar, por exemplo, que a monogamia é uma construção histórica, que é possível viver relações fora do casamento convencional, que este é uma prisão para manter as mulheres como uma propriedade do marido, não fazia sentido para a grande massa de mulheres."*¹¹²

Podemos concluir que muitos dos temas abordados pelo Costela de Adão - a sexualidade, os rígidos padrões sexuais, a crítica à monogamia - eram assuntos distantes do vocabulário da população como um todo. Para a maioria das mulheres, o marido, a opressão sexual ou às imposições de gênero não representavam problemas. Essas discussões poderiam parecer "banais" ou "futilidades" frente aos seus problemas concretos.

Como vimos anteriormente, existe um estranhamento mútuo entre feministas e a grande massa de mulheres brasileiras. Tanto as mulheres não se identificam com as bandeiras feministas, como o próprio Costela de Adão via na vida idealizada para mulher - casamento, filhos, cuidar da casa - como a representação da opressão e do fracasso pessoal. Essa postura é apresentada nos materiais escritos pelo CA, em especial nas muitas charges que trazem de forma pejorativa a vida doméstica.

Na revista *Escritos Sobre Feminismo n° 1* são cinco às referências em charges à vida tradicional da mulher. Já na capa deste número aparece a foto de uma mulher estendendo as roupas e cuidando de uma criança - porém sem a relação explícita de crítica que se desenvolve no decorrer do número. A primeira destas referências vem de uma charge do Hagar¹¹³ - uma mulher presa em um castelo pede ajuda: *"Socorro, sou uma prisioneira nesse castelo, forçada a passar os dias lavando, limpando e cozinhando para o dono do castelo"*¹¹⁴. Quando questionada acerca de quem seria o dono do castelo, ela

¹¹¹ Idem

¹¹² Idem

¹¹³ ESCRITOS sobre o feminismo - n° 1 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p. 8 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

¹¹⁴ Idem

responde que é do próprio marido. Podemos observar a referência à vida doméstica como uma prisão e às relações de poder no interior da família - o castelo seria de seu marido, enquanto ela seria apenas uma "prisioneira".

A crítica em torno da relação marido/mulher aparece em um segundo momento, na charge de Feiffer¹¹⁵. Uma mulher resolve devolver o presente que ganhou de natal do esposo. Para ela está tudo errado - o tamanho, a cor, o presente - "*E o marido está errado. Todo natal eu descubro isso.*"¹¹⁶ Seguindo essa mesma linha, o cartunista Sempé apresenta a vida de um homem com vários compartimentos - em momento ele abre uma porta para trabalhar, depois para comer. Por fim, abre a porta em que se encontra sua mulher lhe esperando. Essas duas charges problematizam a vida familiar - como um local permeado por diversas opressões, onde a mulher é simbolizada como um apêndice da vida do homem.¹¹⁷

Para concluir essa análise da revista, existem dois outros momentos em que o trabalho doméstico é problematizado. No primeiro deles, a Mafalda de Quino acompanha a mãe realizando as mais diversas atividades da casa. Com um olhar atônito ela questiona a mãe: "*La capacidad para triunfar o fracasar en la vida... ? Es hereditaria ?*"¹¹⁸ Através do estranhamento de uma criança a charge associa categoricamente o trabalho doméstico com o fracasso pessoal. No segundo momento também é retratada a limpeza da casa e o cuidado com os filhos, mas vem à tona um terceiro elemento da vida feminina – a mulher deve estar sempre linda e arrumada. Após todo o trabalho doméstico, a charge de George N Zogas coloca a mulher posando para uma foto.¹¹⁹

Podemos observar uma ênfase do Costela de Adão em torno da opressão cotidiana vivenciada pela mulher na medida em que são problematizados o trabalho da casa, o cuidado dos filhos e o próprio casamento. A recorrência dessa abordagem demonstra uma preocupação por parte do CA em evidenciar os problemas individuais enfrentados pela mulher brasileira como representativos da desigualdade de gênero e da opressão que recai sobre o sexo feminino. Essa postura diz muito sobre o projeto político do grupo, onde

¹¹⁵ ESCRITOS sobre o feminismo - nº 1 publicação do Grupo de Mulheres de Porto Alegre Costela de Adão. 1980. p. 34 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

¹¹⁶ Idem

¹¹⁷ Idem p. 45

¹¹⁸ Idem p. 41

¹¹⁹ Idem p. 37

questões da ordem privada são trazidas à discussão para evidenciar problemas amplos da sociedade - o pessoal é político.

Considerações finais

Nesse trabalho nos propomos a estudar a trajetória do grupo feminista Costela de Adão, pensando-o como parte de um contexto mais amplo, representativo dos movimentos de contestação cultural em nível internacional e do processo de adaptação do feminismo no Brasil. Para pensar a relação entre a organização e sua inserção nesse contexto, optamos por partir do discurso do grupo e pensar como ele se coloca no cenário político – com que sujeitos dialoga ou se contrapõe e que temas são colocados a sua disposição. Nessa perspectiva, o contexto não é aplicado unilateralmente sobre o grupo, de forma que os sujeitos atuam e interferem na sociedade na qual estão inseridos.

O trabalho se dividiu em dois capítulos, no primeiro buscamos compreender as condições de emergência do grupo Costela de Adão em Porto Alegre. Nossa estratégia foi analisar a trajetória e a concepção política do grupo, partindo para o estudo das influências do contexto internacional e, por fim, traçar um panorama da inserção do feminismo no Brasil através do histórico do CA. O segundo capítulo se concentrou nas condições para o surgimento de uma identidade feminista. Para tanto trabalhamos com o advento do Costela de Adão pensando aspectos como classe social, escolaridade e envolvimento com outras organizações políticas, trabalhados como pressupostos para a identificação junto ao feminismo naquele período. Outra ideia que perpassa todo o segundo capítulo diz respeito ao caráter relacional da formação de identidade junto a outros sujeitos ou movimento sociais. Dessa forma, procuramos estabelecer os diálogos e conflitos entre o CA e diferentes organizações políticas e categorias sociais.

Na introdução do trabalho nos propomos a responder quatro perguntas. As respostas para as questões estão diluídas no decorrer dos dois capítulos e, nesse momento, vamos organizá-las de modo a concluir o trabalho. O primeiro questionamento elencado em torno da nossa fonte procurava no discurso do Costela de Adão referências ao contexto de ebulição cultural da década de 1960 e aos novos movimentos sociais que surgiram a partir desta data. Algumas características do pensamento político do CA como o questionamento dos princípios da organização político-partidária e a promoção de debates públicos com

temáticas que até então eram relegados a esfera privada as aproximavam das novas formas de pensar a luta política em nível internacional. Os movimentos do período trouxeram para a arena política grupos até então excluídos como mulheres, negros e indígenas. O CA se auto-inseriu nessa categoria de lutas identitárias e reivindicou a legitimidade de grupos sociais defenderem seus direitos específicos.

A segunda pergunta está direcionada às condições sociais que influenciaram a formação de uma identidade feminista no Costela de Adão. Concluímos que a identificação junto ao feminismo passava pela existência de algumas marcas sociais precisas. No caso do CA, a inserção no meio público através da formação universitária e o envolvimento com movimentos sociais foram pressupostos importantes. O convívio no interior desse meio social, que apesar de incorporar o sexo feminino, manteve os tradicionais padrões de gênero, gera um desconforto em relação ao lugar ocupado pela mulher na universidade e na luta política. A possibilidade de discutir os problemas vivenciados por elas encontrou na criação de um novo espaço político – através do campo do feminismo – um lugar onde pudessem debater suas questões específicas.

A terceira pergunta aborda a relação do Costela de Adão com movimentos sociais que compartilhavam o mesmo espaço público, em especial os setores progressistas da sociedade. Dentro dessa temática conseguimos concluir que o feminismo foi a corrente política que mais encontrou críticos, mesmo entre aqueles que se diziam revolucionários. A união de diversos setores sociais em torno da luta contra ditadura influenciou a postura crítica em relação a grupos sociais que decidiram lutar por categorias e bandeiras específicas. O feminismo era encarado como um desvio dessa luta mais geral ou mesmo como reivindicações “burguesas”. Destacamos que o deboche e o humor foram armas utilizadas pelos opositores para desqualificar a luta feminista e que isso também aconteceu com o CA. Através dessa prática eram reafirmados muitos estereótipos de gênero que desvalorizavam a mulher.

A última pergunta elencada é um questionamento em relação ao compromisso do Costela de Adão em representar os interesses de todas as mulheres, pensando essa categoria como socialmente diversa. Podemos concluir que o Costela de Adão reconhecia que todas as mulheres sofriam de uma opressão comum, no entanto, elas não buscavam representar os interesses de mulheres de outras classes sociais, por não conhecer suas necessidades

específicas. Elas compreendiam que suas demandas e discussões não eram representativas da maioria das pessoas daquele período, de forma que pretendiam discutir e resolver suas problemáticas próprias. Conforme a fala de uma entrevistada: "*Não, a gente não pretendia representá-las. A gente pretendia representar nós mesmas.*"¹²⁰

¹²⁰ CASTILHOS, Clarisse. Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté, em 20 de novembro de 2012, em Porto Alegre, RS.

Bibliografia

- CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960. In: *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2. 2005 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a05v17n2.pdf>> Acesso em: 25/10/2012
- COPIO, Flávia E. SOIEHT, Raquel. O Centro da Mulher Brasileira (CMB) e suas experiências nos anos 1970-1980. In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel A. (orgs.) *As esquerdas no Brasil*. 2006
- LAZARI, Joana Sueli; "Inferioridade feminina: O desenredo da violência". *Revista de Ciências Humanas*, Vol. 7. n 10, 1991. Florianópolis,SC.
- MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. *Cadernos AEL*, n. 3/4, Campinas: IFCH/Unicamp, 1995/1996.
- MÉNDEZ, Natalia Pietra. *Discursos e práticas do movimento feminista em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2004. Dissertação de Mestrado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- _____ Encontros e tensões entre feminismo e intelectualidade no Brasil: uma releitura do livro: A mulher na sociedade de classes: mito e realidade, de Heleieth Saffioth. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPHU. SP, julho de 2011 Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1312999944_ARQUIVO_nataliapietramendezanpuh2011.pdf> Acesso em 22/07/2012
- PEDRO, Joana. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In *Revista Brasileira de História*. vol.26 nº 52. São Paulo Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882006000200011&script=sci_arttext>. Acesso em 17/05/2012
- _____ Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> Acesso 13/04/2012
- PESAVENTO, Jatahy Sandra. Nação e Região: diálogos do “mesmo” e do “outro” (Brasil e Rio Grande do Sul, Século XIX). In. PESAVENTO, Jatahy Sandra (Org.) *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Ed. UFRGS.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina, BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Carlos Chagas, Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.

RODEGHERO, Carla Simone ; DIENSTMANN, Gabriel. ; TRINDADE, Tatiana. Anistia ampla, geral e irrestrita: história de uma luta inconclusa. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora da Unisc, 2011.

SARTI, Cynthia A. *O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido*. Trabalho apresentado no XXI Congresso Internacional da LASA, Chicago, 24-26 de setembro de 1998.

_____. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*; Florianópolis; Maio-agosto/2004.

SENA, Tito. Os relatórios Shere Hide: Sexualidades, Gênero e os Discursos Confessionais. IN.: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis 25-28 de agosto. 2008

SOIEHT, Raquel. Zombaria como arma anti feminista: instrumento conservador entre libertários. *Revista Escritos Feministas*. Vol. 13 n° 3. Florianópolis. Sept/dec. 2005

SOUZA, Vanderlei Sebastião. Autor, texto e contexto: a história intelectual e o “contextualismo linguístico” de Quentin Skinner. In: *Revista de História e Estudos Culturais*. Vol 5, Ano V, n° 4. 2008.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

Relação de fontes

Escritos sobre o feminismo, n 0, 1980 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

Escritos sobre o feminismo, n 1, 1980 Disponível em: <www.mulheresrebeldes.org>

Jornal Correio do Povo, edição 17/08/1980 Matéria intitulada: “Amélia é que era a mulher de verdade. Era?” Disponível no Acervo Carmem da Silva

Ata de reunião do Movimento de Mulheres pela Libertação (MML), 1980 Disponível no Acervo Carmem da Silva.

Jornal Coojornal, edição Agosto de 1979 Disponível no Acervo Carmem da Silva

Jornal Folha da Manhã, 9/8/1979, artigo de Rogério Mendelski Disponível no Acervo Carmem da Silva.

Coojornal, entrevista para a coluna Idéias e Opiniões. Costela de Adão, um grupo feminista com nome de homem. Porto Alegre. 1980 Disponível no Acervo Carmem da Silva.

CASTILHOS, Clarisse. Entrevista concedida a Isabela Lisboa Berté, em 20 de novembro de 2012, em Porto Alegre, RS.